

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**STEFAN ZWEIG NO BRASIL: BELEZA, ENCANTO E DOR NA
OBRA *BRASIL, PAÍS DO FUTURO***

ANA LUIZA ALVES DE ANDRADE

CAMPINA GRANDE
MARÇO, 2015

**STEFAN ZWEIG NO BRASIL: BELEZA, ENCANTO E DOR NA OBRA
*BRASIL, PAÍS DO FUTURO***

ANA LUIZA ALVES DE ANDRADE

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: DR. JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO

Campina Grande

2015



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

ANA LUIZA ALVES DE ANDRADE

**STEFAN ZWEIG NO BRASIL: BELEZA, ENCANTO E DOR NA
OBRA *BRASIL, PAÍS DO FUTURO***

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Dr. JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO

Orientador (a)

Dr. JOÃO MARCOS LEITÃO SANTOS

Examinador (a)

Mr. ALISSON PEREIRA DA SILVA

Examinador (a)

DEDICATÓRIA

Dedico a meu filho RYAN GABRIEL ANDRADE ROCHA de quatro anos. Que apesar da pouca idade de alguma maneira sempre me deu força para seguir em frente e continuar a estudar apesar de todas as dificuldades. E que o futuro sonhado por Stefan Zweig para o Brasil possa se realizar pelo menos na sua geração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela força em todos os momentos destes mais de cinco anos, onde tive momentos de altos e baixos, fazendo uma retrospectiva deste longo período de tempo vejo que as dificuldades foram muitas: o vestibular, as primeiras provas, o nascimento do meu filho e com ele uma pausanos estudos, à volta para universidade, as dificuldades em algumas disciplinas. Mas fui guerreira e não desisti, pois o grande Deus lutou comigo e esta vitória é Dele. Sei que não cheguei ao fim e sim ao início de uma longa caminhada. Obrigado Senhor por tudo que tem feito na minha vida! Agradeço também a todos que de forma direta e indireta contribuíram na realização do meu sonho!

Agradeço ao professor Benjamim Montenegro pela orientação deste trabalho e pelas suas sugestões. Agradeço também a banca examinadora composta por João Marcos e Alisson.

Enfim agradeço aos amigos, (não vou citar nomes para não ser injusta com ninguém) professores e funcionários da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, instituição em que estou concluindo o curso de Graduação em História, e que colaboraram de maneira fundamental e inesquecível formação.

Agradeço também a todos os meus familiares e principalmente ao meu querido marido Kácio Ricardo da Rocha, que sempre acreditou em mim e me apoiou nos momentos mais difíceis, obrigado á todos!

Resumo

O presente trabalho busca fazer um estudo da obra *Brasil, país do futuro* de Stefan Zweig, escrita durante seu exílio no Brasil e lançada em 1941, em plena Ditadura do Estado Novo, como se fosse um extemporâneo livro de viagem ou uma atualização do reacionarismo ufanista do conde Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior. O livro foi lançado em oito línguas quase simultaneamente. Nosso objetivo nessa pesquisa é apontar elementos presentes na vida do autor que possam justificar, ou pelo menos tentar explicar sua visão utópica\ufanista acerca do “país do futuro”.

Nossa pesquisa será dividida em três momentos: no primeiro capítulo iremos apresentar a biografia de Stefan Zweig, abordando os aspectos mais importantes de sua trajetória, principalmente suas viagens para o Brasil. No segundo capítulo iremos apresentar e analisar a tão famosa obra *Brasil, país do Futuro*. E por fim no terceiro vamos falar desse ufanismo que se faz presente em todo o livro do vienense, que nos lembra muito a obra *por que me ufano do meu país* do já mencionado Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, lançada em 1901.

Palavras – chaves: Stefan Zweig – Brasil – futuro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I CAPÍTULO: STEFAN ZWEIG: VIDA E OBRA.....	11
II CAPÍTULO: UTOPIA OU MIOPIA, PROJETO POLÍTICO OU PROSPECTO TURÍSTICO EM, BRASIL, PAÍS DO FUTURO DE STEFAN ZWEIG.....	23
III CAPÍTULO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO UFANISMO NO BRASIL.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

Pretendemos discutir nessa monografia a biografia de Stefan Zweig, escritor, poeta, humanista, romancista e pacifista vienense e também sua obra intitulada *Brasil, país do futuro*. No primeiro capítulo discutiremos a biografia do nosso autor austríaco extraordinariamente popular na primeira metade do século XX, com livros traduzidos em quase quarenta línguas. Judeu austríaco teve de fugir do avanço hitlerista e acabou aportando ao Brasil, país que adorou e onde sua depressão e desesperança em face da expansão do Nazismo e da Segunda Guerra Mundial o levaram ao suicídio em 1942. O próprio Stefan Zweig denominou sua vida como “uma vida errante”.

Os primeiros contatos de Zweig com o Brasil realizaram-se através de seu editor brasileiro Abrahão Koogan, sócio da Editora Guanabara. A primeira carta entre ambos está datada de 11 de junho de 1932 e nela o editor declara o interesse da editora pelas obras do autor. A resposta de Zweig foi imediata, dando assim início a uma longa relação, não apenas com a editora, mas também com seus leitores.

Stefan Zweig, veio ao Brasil em três oportunidades, a primeira em 1936, convidado por seu editor brasileiro e pelo governo do país; a segunda em 1940 com a intenção de coletar mais impressões sobre o país para transformar o ensaio *Pequena viagem ao Brasil* em livro, quando recebeu também o visto permanente. Em 1941, após alguns meses nos Estados Unidos, o casal Zweig retorna ao Brasil com a intenção de aqui se estabelecer.

Na época entre guerras, a mais produtiva, que o consagra como autor, sua obra se desenvolveu em diferentes direções: a novelística, com obras psicológicas, em que o autor mostra sua paixão pelos segredos e abismos da alma humana, desvendada com dedicação de detetive; e a ensaística e biográfica, cujo objeto de escrita são momentos históricos ou personagens históricas. Entre as obras mais conhecidas encontram-se as novelas *Amok – Novelas de uma paixão* (1922), *Confusão de sentimentos* (1927). Entre os ensaios desta fase encontram-se *Momentos decisivos da humanidade* (1927), *Três Mestres* (1920), *Joseph Fouché – retrato de um homem político* (1929) e *Castellio contra Calvino: uma consciência contra a violência* (1936).

No segundo capítulo iremos analisar a obra *Brasil, país do futuro*, esta obra ocupa um lugar diferenciado na sua vasta produção literária e histórica. Não é ficção, não se equipara as crônicas de viagem, diferencia – se com nitidez dos *40 perfis biográficos* que o tornaram famoso, mas poderia ser considerada a biografia de uma nação, pois descreve a história do Brasil, a sua formação, as influências que o mesmo sofreu, a sua trajetória e aventura – se a antecipar o seu futuro.

A obra *Brasil, país do futuro*, lançada em 1941 é o livro que deu ao Brasil um sobrenome. A obra é um exercício de empolgação, assombro e ufanismo, com o país que recebera Zweig em 1940, um ufanismo tão ardente que chegou a ser encarado por críticos da obra como uma evidência de simpatia do austríaco pela ditadura de Getúlio Vargas.

Em nossa pesquisa a obra será dividida em dois momentos: primeiro será apresentado a utopia, que faz nosso autor descrever o Brasil, como um verdadeiro paraíso. Vamos discutir a cerca do que colaborou para essa visão de Stefan Zweig, será que este não viu as mazelas do nosso país? Será que ele escreveu apenas aquilo que queria ver? Ou será que Zweig escreveu tudo isto a pedido do presidente Getúlio Vargas? Vamos analisar os pontos mais importantes do livro. Num segundo momento iremos analisar as afirmações de que o livro foi patrocinado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, iremos apresentar a opinião de alguns estudiosos da vida e da obra de Stefan Zweig, sobre tais afirmações, como por exemplo, Alberto Dines e Abraão Koogan, o editor brasileiro.

No terceiro e último capítulo iremos conhecer um pouco da literatura ufanista a qual se faz presente em toda a obra *Brasil, país do futuro*. Vamos problematizar o verbete “ufanismo” diante de uma bibliografia acessível produzida por intelectuais, que pensaram o Brasil nas mais diversas facetas construindo a identidade Nacional. Vamos perceber o uso do ufanismo em diferentes momentos da nossa história, como por exemplo, no início do século XX com a publicação da obra *Por que me ufano do meu país* em 1901 de Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, e também durante a ditadura militar onde os políticos se utilizaram de um ufanismo para legitimar os governos autoritários. Através deste trabalho, ansiamos apresentar mais uma reflexão a cerca desta temática.

Para a realização deste trabalho utilizamos de vários materiais como livros, biografias, teses, dissertações, monografias e revistas. Para realização desta pesquisa não

podemos deixar de mencionar a importância das obras de Alberto Dines, o filme de Sylvio Back, as biografias de Dominique Bona e Donald Prater.

Stefan Zweig escreveu sobre um Brasil que dá gosto de se ver, um país sem problemas, de codinome grande imenso, um verdadeiro paraíso. Não se passou em sua mente pelo menos na referida obra, falar de um Brasil sintomático, de problemas da ditadura de inspiração fascista de Getúlio Vargas. Esse era o Brasil de Stefan Zweig, escritor vienense mundialmente conhecido, que elegeu em sua escrita um Brasil de maravilhas, que nos deteremos nos capítulos que se seguem. O intuito de fazer essa pesquisa é mostrar que devemos fazer uma leitura crítica de nossa história e de nossos personagens, principalmente para compreendermos a partir destes como eles entenderam seu mundo e como fizeram a leitura de um Brasil particular, pertencente as suas convicções.

Stefan Zweig: vida e obra

Sempre os que dizem de antemão que lutam em nome de Deus são as pessoas menos pacíficas do mundo: como crêem que recebem mensagens celestiais têm os ouvidos surdos para qualquer palavra de humanidade.¹

Falar de Stefan Zweig é algo bem complexo, pois sua vida foi marcada pelas duas grandes guerras mundiais, pelo nazismo e por uma depressão nervosa que o acompanhou durante toda sua vida. Mas entender sua vida nos ajudará a compreender melhor sua obra intitulada *Brasil, país do futuro* a qual analisaremos mais minuciosamente no próximo capítulo.

Desde já adianto que não sou a primeira a escrever sobre Stefan Zweig, pois já existem algumas obras a respeito da sua vida e também sobre sua obra *Brasil, país do futuro*. Sobre sua vida já existem quatro biografias a primeira é de sua própria autoria intitulada *o mundo que eu vi* esta foi escrita nos seus últimos anos de vida inclusive aqui no Brasil e publicada depois da sua morte. A segunda foi lançada por Alberto Dines, em 1981, um jornalista estudioso da vida e da obra de Stefan Zweig há mais de trinta anos, a biografia é intitulada *Morte no paraíso – A tragédia de Stefan Zweig* as suas obras muito contribuíram para minha pesquisa, inclusive Dines viu de perto Stefan Zweig e Lotte em uma visita que os mesmos fizeram a uma escola judaica no Rio de Janeiro, na época Dines tinham apenas oito anos, e seu pai Israel Dines compareceu ao enterro de Stefan Zweig e Lotte.

A terceira biografia é de autoria de Donald Prater este nasceu em Londres em 1918, foi diplomata de carreira, com postos na Alemanha, na Suíça e na Áustria, onde seguiu de perto os passos de Stefan Zweig, sua obra intitula – se *Stefan Zweig, biografia* e foi publicada em 1991. A quarta biografia é de autoria de Dominique Bona uma premiada escritora brasileira e sua obra intitula – se *Stefan Zweig, uma biografia* e foi lançada em 1999, a qual usaremos como base para a nossa pesquisa por acharmos que é a mais completa por ser mais recente e por que nos identificamos mais com a sua linguagem e também devido ao pouco tempo que temos para concluir a pesquisa. Existe ainda um filme intitulado *A morte em cena – Zweig* de Sylvio Back lançado em 1996 tem duração de

¹Stefan Zweig sobre as atrocidades cometidas durante a Primeira Guerra Mundial.

aproximadamente quarenta e cinco minutos o qual apresenta diversos depoimentos sobre os principais aspectos da vida de Stefan Zweig, e que também muito contribuiu para essa pesquisa.

Stefan Zweig nasceu em vinte e oito de novembro de 1881, em Viena na Áustria, filho de Moritz Zweig, um vienense, industrial do setor têxtil e de Ida Zweig austríaca, tinha ainda um irmão mais velho chamado Alfred.

Durante toda sua adolescência estudou no Maximilian Gymnasium, um dos melhores colégios de Viena, o qual ele descreveu como uma penitenciária. Em 1904 Stefan Zweig formou – se em filosofia. O mesmo adorava viajar, dedicava meses as viagens e tinha todo tempo do mundo pra isso, pois, não precisava trabalhar – vivia de rendas, segundo Dominique Bona *Zweig viaja tanto para conhecer e aprender quanto para fugir de si mesmo, na miragem das mudanças de horizonte.*² Até o início da Primeira Guerra Mundial Stefan Zweig viajou para diversos lugares como, por exemplo, a Índia, a América, as Antilhas, Berlim, Roma, Sardenha... Paris era um de seus destinos preferidos, no entanto *em nenhum lugar ele se sentia tão bem quanto na Europa.*³ É importante ressaltar que essas viagens nunca o impediu de escrever.

É importante frisar ainda que apesar de todo o amor que Stefan Zweig sentia por Paris, suas obras sempre tiveram como cenário sua terra natal a Áustria, ou sua vizinha alemã. Até o início da Primeira Guerra Mundial Dominique Bona descreve da seguinte forma a vida de Zweig

Nunca mais Stefan Zweig iria aproveitar tanto a vida. Ele participa do ímpeto geral da época. É livre para gozar todos os dias o sentimento formidável de pertencer apenas a si próprio. Vai e vem de um país a outro, livre de qualquer vínculo, de qualquer contingência. Tem dinheiro, não precisa trabalhar, viaja a seu bel – prazer vive em hotéis, janta em restaurantes, escreve quando deseja e passa todo o tempo que quer com amigos. Não tem preocupações, pelo menos aparentes; é amado, festejado solicitado. Os jornais e revistas disputam – lhe os artigos, e ele começa a ser convidado para conferências que o público letrado busca e aplaude. Pode também, se desejar, ficar só, desaparecer, refugiar – se no silêncio e no trabalho de escritor, dedicar a seus labores e sonhos a energia alegre de 30 anos.⁴

Durante a Primeira Guerra Mundial, sua depressão nervosa se agravou ainda mais, Stefan Zweig foi convocado em Novembro de 1914 a trabalhar nos arquivos de guerra em

² BONA, Dominique, 1999, p. 68.

³ Ibidem, p. 70.

⁴ BONA, Dominique, 1999, p.80.

Viena, sua função era fazer propaganda da guerra (o cúmulo para ele que era um pacifista), seu trabalho consistiu em escrever o texto dos exércitos no Jornal *Das Donauland* (O país do Danúbio), e também em escrever o texto das citações e das entregas de condecorações, bem com cartas às famílias para anunciar a morte de soldados.

Em 1915 Zweig foi promovido a ajudante, e foi enviado pelo exercito á frente polonesa para fazer um relatório sobre a situação material das tropas e recuperar os jornais e panfletos da propaganda russa, foi aí que Stefan Zweig viu de perto os horrores da guerra, segundo Dominique Bona isso *faz com que descubra tudo o que ignorava a feiura, a tristeza, o sofrimento físico, a morte.*⁵ Em 1916 Stefan Zweig se isola em Kalksburg um subúrbio da Áustria, e se volta para sua única saída: os livros, ele nunca escrevera tanto quanto em Kalksburg em 1916, fruto dessa escrita foi *Jeremias* – livro (o qual virou peça teatral) que obteve grande sucesso foi vendido vinte mil exemplares, em poucos dias, em Viena. Em 1918 Zweig levou sua peça *Jeremias* a Zurique, a qual causou grande polêmica, por falar abertamente em favor dos vencidos, e logo após a Guerra Stefan Zweig publicou um artigo intitulado “Homenagem ao derrotismo” nele

O escritor condena o patriotismo e a vontade heroica, defende o derrotismo, posição extrema do humanismo em tempo de guerra, contra as acusações de covardia ou de egoísmo que lhe são lançadas. Para que o elogio seja ainda mais claro e vigoroso, Zweig optou por publicá-lo na revista *Friendenswarte* (Posto de guarda pela paz), que desde a aurora do século trava combate pela bandeira branca. Para Zweig o homem vencido é mais homem que o vencedor. A derrota, livremente assumida, é mais bela que a fúria de vencer.⁶

Segundo Dominique Bona a Primeira Guerra Mundial foi um dos momentos mais difíceis da vida de Stefan Zweig, e uma pessoa muitíssimo importante neste momento foi sua mulher, Friderike Maria Von Winternitz, a qual sempre lhe deu força e foi o consolo de todos os seus males, eles casaram em 1920 ela nunca exigira fidelidade de sua parte, foi assim até 1938 quando se divorciaram e Stefan Zweig casou – se com Lotte Altmann sua secretaria e ex – amante, era vinte e sete anos mais nova que ele. Lotte era frágil dependia dele financeira, intelectual e moralmente, era uma menina – mulher, deixava – se conduzir, era toda obediência e devoção, ao contrario de Friderike a primeira esposa de Zweig a qual era seu porto seguro, este agora é que tornou – se o protetor e consolador de Lotte

⁵ Ibidem, p.128.

⁶ BONA, Dominique, 1999, p.142.

Altmann, a qual sofreu de asma durante toda sua vida (segundo alguns estudiosos não era asma, era um câncer pulmonar). Ela era silenciosa e devotada, mas era uma mulher sem iniciativa que preferia ser conduzida. Faltava – lhe juventude (apesar da sua idade), viveza, alegria, companheira fiel e submissa ela era naturalmente melancólica.

Vale a pena destacar uma característica importante nas obras de Stefan Zweig que se diferencia muito da obra *Brasil, um país do futuro* (este livro é muito diferente de tudo o que ele escreveu em toda sua vida) em suas obras de maneira geral seus personagens são sempre vencidos e humilhados da vida, como por exemplo, *Tersites, Erasmo, Maria Stuart, Jeremias*. Segundo Dominique Bona ele escolheu esses personagens por que via neles suas próprias feridas. Sempre admirou os perdedores que sabem assumir seus sofrimentos e que lançam sobre a vida um olhar incrédulo.

Outra característica importante da personalidade de Stefan Zweig é que ele detestava a política e os políticos (outra coisa contraditória se lembrarmos de sua viagem ao Brasil, quando foi recebido pelo presidente Getúlio Vargas) e também se lembrarmos de que Zweig foi acusado de escrever a obra *Brasil, um país do futuro* a pedido do presidente Getúlio Vargas (fato que negou até o fim da vida) para ele

(...) há certa loucura, em confiar credulamente o futuro a “esses jogadores profissionais que chamamos diplomatas, artistas de mãos ágeis, palavras vazias e nervos frívolos”. Quem faz a história não são os heróis de rosto descoberto, célebres por seus efeitos, mas homens obscuros e temíveis, que avançam os peões em segredo, sem que possamos perceber – lhes a influência, especialmente perigosa por estarem o tempo todo escondidos.

Para acentuar sua aversão aos políticos ele escreveu a obra *Fouché: o retrato do político* “tal qual ele não deveria ser”, não qual pinta um retrato mais psicológico que histórico dos políticos. A referida obra conta a história de Joseph Fouché, o qual evoluiu de simples padre professor ao segundo homem mais rico de França. Participou diretamente dos eventos revolucionários, traindo figuras como Robespierre, Barras, Collot, Talleyrand e Napoleão, pessoas a quem em determinado momento jurara fidelidade. Qual um camaleão foi visto por Honoré de Balzac como “gênio singular”, que passou a vida junto ao poder, e à sua sombra - até que finalmente dele foi completamente afastado, até sua morte no esquecimento.

⁷BONA, Dominique, 1999, p. 204.

Outro ponto importante da vida de Stefan Zweig é que segundo Dominique Bona ele detestava rótulos, aliás, ele detestava qualquer tipo de rótulo e inventou o adjetivo “erasmiano”, relativo ao pensador Erasmo de Rotterdam, para definir o tipo de homem ou de mulher que se recusa a pôr – se a serviço de uma só idéia, a tornar – se prisioneiro de uma teoria, de um partido ou de uma bandeira, ele sempre permaneceu fiel ao seu coração isso aconteceu em vários momentos da sua vida como, por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial, durante o nazismo de Hitler...

Após a Primeira Guerra Mundial Stefan Zweig passou a residir em uma velha e pequena cidade austríaca, Salzburgo e foi nesta época que começou seu sucesso. Seus livros foram publicados em vários países e seu prestígio cresceu a cada dia, em 1933 sua obra *segredo ardente* vendeu cerca de cento e quarenta mil exemplares somente na Alemanha. Em 1926 foram vendidos em apenas três meses cerca de quarenta mil exemplares de sua novela *confusão de sentimentos*. Assim como as novelas as biografias de Stefan Zweig também foram muito disputadas e ele estava feliz, por contar com leitores em quase todo o mundo, no entanto segundo Dominique Bona

Zweig tem o hábito de sofrer até na felicidade. Seu fiel demônio estraga – lhe até os belos dias: “Estou um pouco cansado de literatura”, escreve a Franz Masereel em 1925. “Mais um livro, e mais um livro, e a vida passa, a juventude desaparece, e escrevo cada vez mais livros! (...) o sucesso, o dever tornam – se um grilhão, um grilhão dourado (...). De todos os autores que conheço, sou o que mais execra o por assim dizer próprio sucesso”.⁸

Diante de tanto sucesso, mas uma vez Stefan Zweig vê sua felicidade ameaçada, em 10 de maio de 1933 os nazistas queimam livros, e ele vê sua obra inteira desaparecer na fumaça, não só livros dele, mas também de outros autores de língua alemã como Thomas Mann, Erich Maria Remarque, Arthur Schnitzler, Albert Einstein, Franz Werfel, Sigmund Freud. Então diante da ameaça nazista Stefan Zweig vai passar uma temporada em Londres, e diante de tantas atrocidades na Áustria, ele acaba por fixar residência em Londres. Ele recusa – se a se pronunciar a favor de qualquer um dos lados, o fascismo o aterroriza, assim como o bolchevismo.

Em 1936 Stefan Zweig fez a sua primeira viagem para o Brasil, ele chegou ao Rio de Janeiro no dia 21 de Agosto, onde foi muitíssimo bem recebido pelo presidente Getúlio Vargas, se hospedou no Copacabana Palace (o melhor hotel do Rio de Janeiro) o governo

⁸BONA, Dominique, 1999, p.187.

pôs à sua disposição uma limusine com motorista, e um acompanhante brasileiro, membro de uma das mais tradicionais famílias brasileiras, o qual foi seu guia durante todo o tempo que esteve aqui. E foi em 1936 que ele teve a idéia de escrever o famoso livro *Brasil, um país do futuro* (o qual analisaremos no próximo capítulo) e jurou “serei o camelot do Brasil na Europa” Aqui no Brasil, Stefan Zweig encontrou – se ainda segundo Alberto Dines (2006) com Affonso Celso de Assis Júnior, autor do clássico *por que me ufano do meu país* pelo menos duas vezes em agosto de 1936. Stefan Zweig ficou simplesmente encantado com o Brasil e em especial com o Rio de Janeiro e afirmou que voltaria. Ele descreveu o Brasil da seguinte maneira

A ausência de problemas numa população muito miscigenada faz do país um paraíso terrestre. (...). O país não é somente “o mais sedutor da face da terra”: é “um país perfeito para mim”, definindo de acordo com seus gostos: “um café sublime, os mais saborosos charutos, as mais fascinantes mulheres, a mais esplendida paisagem”.⁹

Segundo Alberto Dines (2006) Stefan Zweig encantou – se pelo Brasil antes mesmo de desembarcar: a deslumbrante vista noturna do Rio de Janeiro, a recepção carinhosa dos leitores, a atenção da imprensa, das autoridades, o entusiasmo do público que assistiu suas aparições públicas, tudo isso lhe empolgou, é tanto que ao chegar à Europa escreveu suas impressões desta viagem e publicou logo em seguida na imprensa internacional, com o seguinte slogan “Quem conhece o Brasil de hoje lançou um olhar para o futuro”.

Em 1937 divorciou – se Friderike e vendeu a casa em Salzburg. Em 1938 segundo Dominique Bona com a anexação da Áustria pela Alemanha converteu – se num apátrida, pois não poderia usar o passaporte de um país que queimava seus livros em praça pública. Mas Zweig já havia entrado com um pedido de naturalização junto ao governo britânico. E casou – se com Charlotte Elizabeth Altmann em Londres cinco dias após o início da Segunda Guerra Mundial, já designada por ele como “a maior catástrofe da humanidade”. Em maio de 1940 está completamente dominado pelo temor diante da rapidez do assalto alemão e da violência nazista nos territórios ocupados. Acreditavam que se a França caísse a Inglaterra não resistiria sozinha. Nos diários 28\05 registra que vai comprar um frasco de morfina e nove meses depois de se instalar em Londres, só pensava em se instalar num lugar mais seguro, pois os bombardeios já chegavam aos arredores de Londres, e nesse momento o Brasil aparecia como sua única alternativa.

⁹BONA, Dominique, 1999, p.280.

Chegou ao Rio de Janeiro coincidentemente no dia 21 de agosto (mesma data que chegou quatro anos antes) falou para os repórteres que o entrevistaram que veio terminar o livro que prometeu escrever sobre o Brasil. Hospedou – se no hotel Paysandu, no entanto sua maior preocupação naquele momento não era o ”livro brasileiro”, mas sim garantir um abrigo permanente. Um visto de residência permanente aqui no Brasil seria a solução ideal naquele momento, ele tinha certeza de que só aqui no Brasil teria tranquilidade e as condições necessárias para escrever seus livros.

No Brasil além de escrever o livro que prometeu Stefan Zweig participou de conferências e palestras e também viajou para fazer conferências em outros países como, por exemplo, no mês de outubro ele fez uma grande conferência em Buenos Aires, a qual teve muitíssimo expectadores, é interessante observamos que Zweig dava inúmeras palestras, tentando levar uma palavra de conforto àqueles que lhe admiravam, no entanto nem mesmo ele acreditava nas suas palavras de conforto.

E foi nessa viagem à Argentina que ocorreu um fato inusitado segundo Alberto Dines (2009) pouco tempo antes da volta para o Brasil, ocorreu uma formalidade inesperada do consulado brasileiro em Buenos Aires, seu passaporte e o de sua esposa foram carimbados com vistos de residência permanente no Brasil. Além do visto de residência, o casal foi dispensado de qualquer documentação, segundo Alberto Dines *privilégio concedido a poucos estrangeiros, sobretudo quando se tratava de refugiados do nazismo de origem judaica*¹⁰.

No dia 15 de novembro Stefan Zweig e sua mulher Lotte voltaram para o Brasil e mudaram – se para o Hotel Central, começando a tramitação para converter o visto do passaporte num documento de identidade brasileiro.

No Rio de Janeiro enquanto Stefan Zweig dava os toques finais de seu livro *Brasil, país do futuro*, ele mantinha contatos com Lourival Fontes e o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, o qual lhe ofereceu todas as facilidades para conhecer as regiões brasileiras. Imaginava um lançamento internacional para este. E em pouco tempo organizou oito edições: duas em português, duas em inglês, uma em espanhol, uma em francês, uma em alemão e uma em sueco.

¹⁰VELLOSO, João Paulo dos Reis e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti, 2006, p.17.

O livro foi publicado em agosto de 1941 quando o Brasil vivia o chamado Estado Novo e não foi bem visto pela população, pois havia diversos boatos afirmando que o livro brasileiro de Stefan Zweig foi financiado pelo DIP, diante disso, pesou, sobretudo uma questão: elogiar o país seria sobretudo elogiar o governo e o governo era uma ditadura que precisava ser condenada, e aliás Stefan Zweig sempre condenou as ditaduras europeias. Sobre as acusações de que o livro fora financiado pelo DIP Stefan se defende: “*em 40 anos de vida literária me orgulho de nunca ter escrito um livro por outra razão que a da paixão artística, e jamais visando qualquer vantagem pessoal ou interesse econômico*”.¹¹ No entanto segundo Alberto Dines (2006) o desabafo dele não teve muita repercussão pelo simples fato de que foi publicado no semanário *Vamos Ler*, o qual pertencia a um grupo de veículos de propriedade do governo. O resto da imprensa, a “imprensa sadia” não se interessava em debater questões sensíveis capazes de envolver as próprias atividades do DIP e do seu criador, Lourival Fontes.

No entanto segundo Alberto Dines existe evidências de que efetivamente Stefan Zweig fez um “negócio” com o governo brasileiro, ou seja, escreveu o livro em troca dos vistos de residência para ele e para a mulher. Não houve um contrato, mas um entendimento. A velocidade com que o governo autorizou a concessão de vistos dispensando o casal de qualquer documentação atesta um privilégio que confronta de forma ostensiva a má – vontade e a desumanidade com que o governo Vargas tratou os refugiados do nazismo, principalmente os judeus. Apesar de todas as restrições, no entanto, só no Brasil foram vendidos 100 mil exemplares de *Brasil, país do futuro*.

É interessante vermos que apesar de todos esses problemas Stefan Zweig conseguiu em 1941 seu sexagésimo ano de vida, concluir três obras importantes (*Brasil, um país do futuro*\ *Brasilien – ein Land der Zukunft*, *Amerigo*\ *Amerigo – Die Geschichte eines historischen Irrtums* e *O mundo que eu vi*\ *Die Welt von Gestern*) além de esboçar a novela *Xadrez*, que ele terminou de corrigir poucas horas antes de sua morte. São quatro obras completamente diferentes, mas cada uma delas á sua maneira extraordinária, foram criadas por Zweig como que “sob pressão” em 14 meses, cerca de 1200 páginas prontas para serem publicadas.

¹¹VELLOSO, João Paulo dos Reis e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti, 2006, p. 22.

Fato é que oito meses após o lançamento do livro *Brasil, país do futuro* Stefan desistiu de viver e antes de partir escreveu cartas de despedidas aos amigos e a sua ex – mulher Friderike e escreveu também uma declaração de agradecimento ao Brasil na qual afirma

Antes de deixar a vida, por decisão própria e em pleno juízo, tenho de cumprir um último dever: agradecer sinceramente ao Brasil, maravilhoso país, o oferecimento a mim e a meu trabalho de tão agradável e hospitaleira estada. Aprendi a amá – lo cada dia mais, e em nenhum outro lugar eu teria podido reconstruir inteiramente minha vida, já que o mundo de minha língua está perdido para mim, e minha pátria espiritual, a Europa, destruiu – se a si mesma. Aos sessenta anos, porém, seriam necessárias forças excepcionais para um recomeço, e as minhas estão esgotadas pelos anos de errância sem pátria. Assim, julgo preferível dar fim, no momento certo e de cabeça erguida, a uma vida para a qual o trabalho intelectual sempre representou a mais genuína alegria, e a liberdade individual, o bem supremo na Terra. Saúdo a todos os amigos! Que eles ainda possam ver as luzes da alvorada após a longa noite! Quanto a mim, estou muitíssimo impaciente. Eu os precedo.¹²

Segundo Dominique Bona depois de preparar a própria despedida Stefan Zweig de tarde, entre meio dia e quatro horas da tarde, engole grande quantidade de Veronal com água mineral brasileira e deita – se na cama e sua mulher Lotte faz o mesmo, mas segundo relatos Stefan morreu primeiro, e ela teria tomado uma segunda dose com medo de sobreviver a ele. Ambos foram enterrados com grande pompa, a saída do cortejo foi encabeçada por Getúlio Vargas e numerosos ministros, a multidão junta – se às autoridades, amigos e leitores presentes á última homenagem ao escritor europeu. Suas últimas vontades não são respeitadas. Ás homenagens nacionais, pomposas e solenes, seguem – se uma cerimônia religiosa inconvenientemente, inútil e até chocante, quando se sabe o desejo de Zweig de manter a própria liberdade á parte de qualquer comunidade. É importante ressaltar que todos os seus amigos ficaram chocados com essa morte dupla, ninguém esperava tal acontecimento, todos lamentaram muito, foi um verdadeiro choque para os amigos mais íntimos, uma vez que as respectivas cartas que ele escreveu só chegaram depois de sua morte...

Concidentemente duas semanas antes do suicídio Stefan Zweig visitou um cemitério Israelita em Petrópolis na companhia de D’Almeida Vitor. É interessante

¹² BONA, Dominique, 1999, p.362.

lembrarmos também o quanto Stefan Zweig ficou impressionado ao ver um frasco de veneno de cobra no Instituto Butantã quando ele afirma

Era o veneno de oitenta mil serpentes, guardado em fôrma crystallizada, concentrado nesta garrafa, e que é o mais terrível de todos os venenos. Cada um desses grãos, apenas perceptíveis a olho nú, que poderiam desaparecer, sem deixar vestígio, debaixo da unha, póde, com toda facilidade, matar um ser num abrir e fechar de olhos. Mil vezes mais do que nas granadas mais gigantescas, a aniquilação acha – se comprimida nesta garrafa extraordinária, terrível e irrecuperável, um milagre maior do que os das lendas de mil e uma noites, nunca tinha visto a morte em fôrma mais concentrada do que quando cingi esse vidro frio e frágil. Essa possibilidade da destruição imediata de todo um ser, em um segundo, com todos os seus pensamentos e conhecimentos, um ser que agora mesmo está respirando, da parada súbita de um coração e de todos os músculos, somente porque um grãozinho, menor do que de uma pedrinha de sal, penetrou no seu interior, (já inacreditável num só individuo) agora cem mil vezes multiplicada, tinha para mim algo ao mesmo tempo terrível e grandioso.¹³

É importante ressaltar que o suicídio sempre esteve presente nos personagens escritos por Stefan Zweig, principalmente em suas novelas como, por exemplo, o médico de *Amok*, o jovem jogador de *Vinte e quatro horas da vida de uma mulher*, a heroína de *Carta de uma desconhecida*, a jovem paralítica de *Piedade perigosa*, na *Neve* uma tribo judaica inteira se deixa morrer para escapar às hordas assassinas de flageladores, enfim várias personagens desde a sua primeira narrativa. E geralmente quando não se suicidam as personagens de quase todas as suas novelas pensam nessa possibilidade, é o caso, por exemplo, de Benjamin Marnefes, em o *Candelabro enterrado*, da bela burguesa de *O medoe* tantos outros. O suicídio surge como libertação para homens e mulheres que acham intolerável o peso de seus sofrimentos, e preferem a morte a sofrer o ódio, a humilhação, a injustiça e o desamor. Seres apaixonados, mas frágeis, que não sabem responder o ódio com o ódio, são os vencidos que Zweig tanto amava.

¹³ ZWEIG, Stefan. 1938, p. 267\268.

Principais obras de Stefan Zweig

1901– Cordas prateadas (poemas) 1904 – O amor de Érika Ewald (primeiro volume de novelas) 1907 – Tersites (teatro) 1910 – Émile Verhaeren (biografia) 1912 – O comediante transformado \ a casa do mar (peças de teatro) 1913 – Segredo ardente (novela) 1917 – Jeremias (drama pacifista) 1918 – Lenda de uma vida (drama) 1920 – Três mestres (volume de ensaios) 1920 – Romain Rolland, o homem e sua obra (biografia) 1925 – A luta com o demônio (volume de ensaios) 1926 – Volpone (peça de teatro) 1926 – Confusão de sentimentos (volume de novelas) 1928 – Erwin Rieger (biografia) 1929 – Joseph Fouché retrato de um homem político 1929 – O cordeiro do pobre (tragicomédia) 1929 – Pequena crônica (novela) 1931 – Maria Antonieta (biografia) 1931 – A cura através do espírito (ensaios sobre Mesmer, Mary Baker – Eddy, Freud) 1931 – Poemas selecionados 1934 – Triunfo e tragédia de Erasmo de Roterdã 1935 – Maria Stuart (biografia) 1936 – Castello contra Calvino e Caleidoscópio (contos reunidos em dois volumes) 1938 – Fernão de Magalhães (biografia) 1939 – Coração impaciente (seu único romance) 1941 – Américo (biografia) 1941 – Brasil, um país do futuro¹⁴ (ensaio) Obras póstumas: Xadrez (novela) O mundo que eu vi (sua autobiografia) Balzac (biografia inacabada) Montaigne (esboço de biografia) Clarissa (romance inacabado)

Sobre sua obra *Brasil, país do futuro* também já existem pesquisas e as principais são *Stefan Zweig no país do futuro – a biografia de um livro* escrita pelo jornalista Alberto Dines este como já foi dito anteriormente é um estudioso do assunto, e foi lançado em 2009 e outro livro importante referente a mencionada obra de Stefan Zweig é o livro *Brasil, um país do futuro?* Lançado em 2006 organizado por João Paulo dos Reis Veloso e Roberto Cavalcanti de Albuquerque. Este é um dos livros resultantes do Fórum Especial, realizado no Rio de Janeiro em 2006, cujo tema básico foi “Projeto de Brasil – opções de desenvolvimento”. Para aquele fórum, julgou – se oportuno, aos 125 anos do nascimento do escritor Stefan Zweig e 65 anos de seu conhecido livro *Brasil, país do futuro*.

Diante de tudo o que foi apresentado fica a pergunta o que realmente encantou Stefan Zweig aqui no Brasil? Será que o livro *Brasil, país do futuro* realmente foi escrito por encomenda do presidente Getúlio Vargas? E o Brasil é realmente o país do futuro? Será que este tão sonhado futuro já chegou? Essas questões serão discutidas no próximo

¹⁴ É importante ressaltar que a obra *Brasil, um país do futuro* sai quase simultaneamente no Rio e em Portugal, em alemão pela Bermann-Fischer e em inglês pela Viking, Nova York. Além disso, ainda são publicadas edições em espanhol, em sueco e em francês em Nova York. Todas as suas outras obras sempre foram publicadas em alemã e em seguida é que foram traduzidas para outras línguas.

capítulo intitulado “Utopia ou miopia, projeto político ou prospecto turístico, em *Brasil, um país do futuro* de Stefan Zweig”.

*Utopia ou miopia, projeto político ou prospecto turístico, em Brasil, um país
do futuro de Stefan Zweig*¹⁵

Concebido como prospecto, virou prospecção. Meio século depois – e não por culpa do autor – é um incômodo repositório de desilusões. Pelo espelho retrovisor, pode ser lido como uma coleção de oportunidades perdidas – futuro atrasado ou adiado sine die. Desejo desperdiçado, porque manifestado pelo Outro, o gringo. As passagens em que a realidade não corresponde à descrição podem ser vistas como projeções positivas, programa para gerações futuras, exercício na arte do devir e do divisar.¹⁶

É interessante para iniciar este capítulo primeiramente apresentar a obra *Brasil, um país do futuro*, (1953) de Stefan Zweig aos nossos leitores. É importante ressaltar que a nossa pesquisa não se trata de um estudo exaustivo da obra, mas, de uma possível leitura da mesma levando em conta o contexto no qual foi escrita e o que condicionava o autor no momento de sua escritura. Nosso foco principal é analisar a visão do autor sobre o Brasil, suas previsões para o futuro deste e também analisar as afirmações de que o livro teria sido feito sob encomenda do governo de Getúlio Vargas.

Este livro foi escrito pelo austríaco Stefan Zweig que veio ao Brasil primeiramente em 1936 onde segundo Alberto Dines (2009) foi muitíssimo bem recebido pelo presidente da república, Getúlio Vargas essa primeira viagem durou apenas dez dias, tempo suficiente para encantar nosso visitante, que em entrevista ao redator do jornal *A Noite* (vespertino governista) no dia 26\08\1936 jurou “serei o camelot do Brasil na Europa”, e ainda nesta entrevista prometeu voltar e escrever um livro sobre o Brasil. Dessa primeira viagem resultou o ensaio "Pequena viagem ao Brasil", publicado nos meses de outubro e novembro de 1936 na Europa, escrito em nove partes. Inclusive no livro *Brasil, país do futuro* permanecem alguns capítulos de *Pequena Viagem ao Brasil*, como “visita ao café” e “arte dos contratos”.

E de fato sua promessa foi cumprida, em 1940, após o início da Segunda Guerra Mundial Stefan Zweig retorna ao Brasil, fugindo da guerra suicida da Europa e com a intenção de colher material para o livro sobre o Brasil. Permanece durante seis meses visitando o Brasil e colhendo material para o livro, o qual tanto era destinado ao público

¹⁵ DINES, Alberto, 2009, p. 9.

¹⁶ Idem, 2004, p. 368.

brasileiro como estrangeiro de uma maneira geral, pois foi publicado em varias línguas. A intenção de Stefan Zweig era que o livro deveria ser um manual para o estrangeiro que chegasse ao Brasil, de fácil manuseio e não muito caro. Segundo Dines (2009) para Zweig o livro “será um testemunho do meu agradecimento pela acolhida franca que me tem dado o povo brasileiro... Procurei nortear os conceitos emitidos... pelos critérios da verdade e da sinceridade”.

Em 1941 Stefan Zweig voltou ao Brasil e desta vez em definitivo, para morar, pois a Europa neste momento já era uma terra sem esperança por causa da guerra, então ele passou a morar em Petrópolis com sua segunda mulher esperando o fim da guerra, o vienense tinha perdido todas as suas esperanças em relação à Europa que tanto amou em sua juventude e pretendia morar de fato no Brasil, no entanto é importante ressaltar que apesar de todos os encantos que ele via no Brasil, ele sentia falta de grandes bibliotecas, onde pudesse colher material para escrever seus livros, e apesar de todos os encantos do Brasil ele escreveu em seu diário segundo Dominique Bona (1999) que não tinha paciência para esperar o fim da guerra, por isso acabou se suicidando.

É interessante ressaltar que neste período o Brasil também vivia um momento difícil, a ditadura de inspiração fascista de Vargas, e Stefan Zweig a descreveu no livro como “branda”, muitos estudiosos da vida do mesmo afirma que essa visão se deve a comparação que o mesmo faz do Brasil com a Europa, então diante dos horrores da guerra na Europa a ditadura no Brasil de fato parece ser branda.

Em Agosto de 1941 o tão esperado livro *Brasil, país do futuro*, tão anunciado antes pela imprensa, foi lançado pela editora Guanabara em oito línguas quase ao mesmo tempo e alcançou um sucesso considerável, projetando o Brasil internacionalmente e mostrando um Brasil de maravilhas, inclusive afirmando que a ditadura de Vargas era “branda”. O sucesso do livro foi tão grande que o seu título passou a funcionar como um sobrenome para o Brasil. No entanto Zweig foi acusado de escrever o livro sob encomenda do presidente Getúlio Vargas. Para tais suspeitas pesou, sobretudo o pouco habilidoso prefácio de Afrânio Peixoto¹⁷ á edição brasileira, onde

¹⁷ Afrânio Peixoto foi médico, professor, escritor e político (eleito deputado pela Bahia de 1924 – 1930) se mostrou contra o estado Novo e aquela literatura ufanista produzida durante este período, no entanto fez a introdução da obra de Zweig a qual é ufanista. Foi membro da ABL e do IHGB, exerceu importantes funções políticas junto ao poder público: Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal em 1916, e reitor da Universidade do Distrito Federal.

cuja preocupação essencial parece ser a de convencer que Zweig escreveu tudo de graça. Ele teria demonstrado amor ao país, sem esperar retribuição: “É o mais ‘favorecido’ dos retratos do Brasil. Nunca a propaganda interesseira, nacional ou estrangeira, disse tanto bem do nosso país, e o autor, por êle, não deseja nem um apêto de mão, nenhum agradecimento. Amor sem retribuição”.¹⁸

Na época não podia se compreender que Stefan Zweig tivesse escrito o livro por desejo próprio, fato esse que é discutido até os dias atuais e onde ninguém tem uma conclusão definitiva, pois há ainda um debate sobre as acusações de que o livro foi feito a pedido de Vargas, mas Stefan Zweig sempre negou isto, e sempre declarou que fez o livro em forma de agradecimento pela acolhida do povo brasileiro. Na introdução de *Brasil, país do futuro* o autor chega a firmar que escreveu o livro com o objetivo de mostrar a esperança que o Brasil representava suas possibilidades, mostrar que o seu futuro podia ser diferente do futuro da Europa.

A obra de Zweig não é apenas um livro informativo, nem um simples relato de viagem, como o mesmo imaginava, é muito mais que isso. A obra está dividida em sete capítulos dos quais: no primeiro é abordada a “História”, neste Zweig busca compreender a convivência pacífica das diferentes raças e culturas, seu discurso é bem parecido com de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (1933), aonde chegamos a nos encantar com a chamada “democracia racial”. No entanto é importante ressaltar que não foi e ainda não é bem assim, vivemos numa sociedade onde o preconceito é muito camuflado, mais existe, basta acompanhar o noticiário que vemos diversos casos dia após dia.

Êsse problema central que se impõe a tôda geração e, portanto, também á nossa, é a resposta á mais simples e, apesar disso, a mais necessária pergunta: como poderá conseguir – se no mundo viverem os entes humanos pacificamente uns ao lado dos outros, não obstante tôdas as diferenças de raças, classes, pigmentos, crenças e opiniões? É o problema que imperativamente sempre se apresenta a tôda comunidade, a tôda nação. [...] E nenhum o resolveu duma maneira mais feliz e mais exemplar do que a pela qual êste o fêz. [...] O Brasil, pela sua estrutura etnológica, se tivesse aceito o delírio europeu de nacionalidades e de raças, seria o país mais desunido, menos pacífico e mais intranquilo do mundo. [...] Com maior admiração verifica – se que tôdas raças [...] vivem em perfeito acôrdo entre si.¹⁹

¹⁸ ZWEIG, Stefan, 1953, p. 6.

¹⁹ ZWEIG, Stefan, 1953, p. 11 – 12.

Neste trecho percebemos claramente os conflitos vividos pelo autor na Europa no momento da escritura da obra, á exemplo do Nazismo onde Zweig foi obrigado a se exilar.

O segundo capítulo é dedicado a “economia” onde Zweig relata as principais fases da economia brasileira mostrando os principais produtos: açúcar, ouro, café, borracha, algodão, madeira. O autor queria mostrar como a economia brasileira se desenvolveu, sendo marcada por vários ciclos. E destacando a multiplicidade natural do solo, as constantes transformações e súbitas mudanças na sua economia “O Brasil reconheceu que espaço é força e gera forças que não são o ouro nem o capital poupado que constituem a riqueza dum país, mas sim o solo e o trabalho que neste país é realizado”.²⁰

O terceiro capítulo é intitulado “civilização” neste Zweig analisa o tipo humano brasileiro, fruto da mistura de raças. Neste o autor destaca a cordialidade do homem brasileiro, num discurso bem parecido com o de Sérgio Buarque de Holanda na obra Raízes do Brasil (1936).

O brasileiro conserva sempre sua natural delicadeza mutuamente com uma polidez e cordialidade que a nós pessoas da Europa, tão brutalizada nos últimos anos, sempre causam admiração. Vemos abraçarem-se dois homens na rua. [...] Mas na esquina seguinte tornamos a ver dois homens saudarem-se dessa mesma maneira e verificamos então que o abraço entre os brasileiros é uma praxe absolutamente trivial, uma expansão de cordialidade.²¹

Os quatro capítulos seguintes são impressões de viagens, imagens que Zweig captou das cidades e dos povos, precisamente do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, e do Norte. Nestes o autor destaca ainda mais a exuberante natureza brasileira, principalmente a beleza do Rio de Janeiro e torna – se um repetidor do discurso de um país com natureza selvagem, tão presente no Brasil desde a carta de Pero Vaz de Caminha

Á noite, quando chegamos á janela e o mar está calmo e não venta, sentimos na atmosfera suave, saturada, perfumada de misteriosas essências e resinas, que no Rio nos achamos sempre entre árvores e jardins. Árvores e jardins encontramos pôr toda parte. Não andamos um minuto sem vermos vegetação. Muitas ruas são guarnecidas de árvores, em volta de quase todas as casas se vêem tufos de folhagens com flores e frutos, e quando mais nos afastamos do mar, tanto mais

²⁰ Ibidem, p. 112.

²¹ ZWEIG, Stefan, 1953, p.118.

abundantes são os parques. Algumas vilas desaparecem quase inteiramente dentro da abundância da vegetação que as circunda.²²

As descrições geográficas do país são bem parecidas com o conhecido discurso ufanista do início do século XX e podem ser comparadas às descrições do pequeno volume *Porque me ufano do meu país*, de Affonso Celso (1900). Em destaque sempre está a extensão territorial, a opulência das paisagens, “a natureza alcança sempre o seu superlativo...”²³, a diversidade geográfica e climática, e tudo conflui em análises promissoras sobre a produtividade do solo e as possibilidades econômicas.

Com relação ao título do livro Dines (2004) observa que nas versões brasileira, espanhola e inglesa foi retirado o artigo indefinido “o”, o país do futuro sem o artigo ganhou determinação, um agrado ao governo, que não se sabe de quem partiu do autor ou do editor brasileiro. A expressão “país do futuro”, a propósito, é ambígua, pode ser compreendida como uma referência ao potencial de desenvolvimento do país ou como um louvor à realidade brasileira, como foi interpretado pelos jornalistas da época, os mesmos interpretaram desta maneira devido a forma como Zweig falou da ditadura que segundo o mesmo era branda e muitos destes jornalistas era contra a ditadura, mas não tendo coragem de criticar abertamente a mesma, criticavam o livro do vienense, já que se dizia que o mesmo havia sido feito sob encomenda.

No tocante as fontes usadas por Stefan Zweig para escrever encontramos ao longo do texto diversas referências a documentos históricos sobre o Brasil Colônia como, por exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha (p.19), cartas de Manuel da Nóbrega e seus “Diálogos sobre a Conversão do Gêtio” (p.31) os “Diálogos das grandezas do Brasil” de Ambrósio Fernandes Brandão (p.46) a obra de Debret *Voyage pittoresque au Brésil* (p.51). Há ainda referências á Machado de Assis e Euclides da Cunha (p.133).

É importante ressaltar ainda que Stefan Zwieg não foi o pioneiro neste tipo de obra, antes de *Brasil, país do futuro*, já existiram obras bem semelhantes que, no entanto não tiveram o mesmo sucesso como, por exemplo, *Braziliê Een Land der Toekomst* (Brasil Um País do Futuro) de autoria de Leeuw N. R. vice-cônsul da Holanda no Rio de Janeiro, este livro foi editado em Amsterdam em 1909 com 400

²² Ibidem, p. 157.

²³ Ibidem, p. 70.

páginas. Na Alemanha o precursor foi Heinrich Schuller com *Brasilien ein la and der zukunft* (Brasil um país do futuro) publicado em 1912 e reeditado em 1922, este também foi cônsul no Brasil. Este livro é um trabalho mais científico contém 16 tabelas, 116 imagens e um mapa.

Na Itália o pioneiro foi Francesco Bianco, um geógrafo que acompanhou a delegação da Itália aos festejos do Centenário da Independência brasileira e, na volta, produziu *II Paese dell' avvenire*, (Terra de futuro) publicou em 1922, neste ele destaca a participação italiana na construção do Brasil. Examina a situação política e econômica do país. No Brasil podemos destacar ainda a obra de Affonso Celso lançada em 1901 intitulada *Por que me ufano do meu país* a qual é de cunho bastante ufanista, onde Affonso Celso descreve um Brasil de maravilhas destacando as nossas belezas naturais e nos incentivando a sentirmos orgulho do Brasil. Mais tarde o hino nacional também de cunho bastante ufanista (produzido em 1922, por Joaquim Osório Duque Estrada) também incorporou o edenismo e também endossou a ideia de grandeza no futuro “o teu futuro espelha esta grandeza”.

Portanto diante de tantas obras de cunho ufanista por que a obra de Stefan Zweig chamou (e\ou chama) tanto a atenção dos brasileiros mesmo mais de setenta anos após a sua publicação?

O fato de escrever sobre o Brasil não deveria causar surpresa, isso aconteceu pela forma como Zweig o fez, *Brasil, país do futuro*, é sua única obra a ter como objeto de análise um país e não um fato ou uma personagem, em suas obras de maneira geral seus personagens são sempre vencidos e humilhados da vida, como por exemplo, Tersites, Erasmo, Maria Stuart, Jeremias. Em *Brasil, país do futuro*, ao contrário temos sempre vencedores, tudo é visto de forma positiva. A escolha do tema desta obra é explicável pelo fascínio que o Brasil exerceu sobre o vienense, como podemos ver nas cartas deixadas pelo mesmo, na própria introdução e em várias partes de *Brasil, país do futuro* percebemos o quanto o Brasil o encantou.

O livro foi duramente criticado principalmente pelo redator-chefe do Correio da Manhã (matutino do Rio de Janeiro) Pedro da Costa Rego, político e jornalista alagoano que publicou cinco artigos criticando vários aspectos do livro e também do escritor.

O livro foi criticado ainda por outros jornais como o jornal o Globo, no dia 06\08\1941 na seção “o mundo das letras” onde o crítico literário Eloy Pontes, que não gostava de Stefan Zweig o descreveu como um “*touriste sentimental*” fustiga suas fontes, leituras e percepções históricas. Segundo Maristela Adelaide Stoos (2009) o livro foi criticado de maneira geral também pelos leitores brasileiros, pois estes leitores leram *Brasil, país do futuro* com uma expectativa de referencialidade histórica e, mais que isso, esperava crítica ao sistema. A seguir faremos uma análise dos principais pontos da obra.

Ainda na introdução do livro Zweig ressalta: “É impossível conhecer inteiramente o Brasil, êsse mundo tão vasto”.²⁴ Essa declaração do autor de desconhecimento do país ou da impossibilidade de conhecer um país amplo e variado como o Brasil, presente na introdução do livro, prepara o leitor para uma visão parcial do mundo apresentado, e mais a frente o autor afirma “Não me é possível expender conclusões definitivas, e profecias sobre o futuro econômico, financeiro e político do Brasil. Os problemas relativos á economia, á sociologia e á civilização são tão novos, tão especiais, [...] cada um deles exigiria um grupo de especialistas para esclarecê-los definitivamente”.²⁵ Mais na frente na metade do livro mais uma vez Zweig ressalta “É sempre perigoso lançar do presente um olhar para o futuro”.²⁶ Podemos considerar estas palavras de certa forma como um pedido de desculpas caso suas previsões não se cumprissem e foi o que de fato aconteceu.

Percebemos que Stefan Zweig compara em toda a obra, a velha Europa (o passado) destruída pela guerra, com o Brasil (futuro) tido para ele como um verdadeiro paraíso, um país do futuro. Além de descrever as inúmeras qualidades da nossa terra (algumas reais como exemplo a nossa extensão territorial, outras irreais á exemplo da ausência de preconceitos, ditadura branda) ele descreve o homem brasileiro como o mais harmônico, o mais pacífico, como já foi citado, afirmando ainda que o Brasil resolveu o problema de convivência amistosa entre diferentes raças, classes, pigmentos, crenças e opiniões²⁷, então ele vê no Brasil a solução para os problemas raciais do

²⁴ZWEIG, Stefan, 1953, p. 9.

²⁵ ZWEIG, Stefan, 1953, p. 11.

²⁶ Ibidem, p. 105.

²⁷ Ibidem, p. 11.

mundo, para ele “se tivesse aceitado o delírio europeu de nacionalidades e de raças, o Brasil seria o país mais desunido, menos pacífico e mais intranquilo do mundo”.²⁸

Na autobiografia, como em outros ensaios e em cartas, identificamos sempre a idéia de sua geração ser uma geração do passado, sem futuro e sem forças, velha demais para recomeçar e reconstruir uma Europa pela segunda vez destruída pela guerra. Esse pessimismo é fruto de uma visão da história da humanidade expressa em *Castellio contra Calvino*²⁹

Do mesmo modo que um músculo não pode permanecer ininterruptamente em contração máxima, do mesmo modo que uma paixão não pode persistir constantemente em incandescência, também as ditaduras espirituais nunca conseguem conservar de modo permanente seu radicalismo intransigente: na maior parte dos casos é apenas uma geração que é obrigada a sofrer penosamente sua grande pressão.³⁰

Stefan Zweig via no Brasil, algo que a Europa havia perdido, é como se o Brasil representasse tudo que a Europa foi, no passado, como já foi mencionado; ele sempre faz a uma comparação entre a Europa (o paraíso perdido) e o Brasil (o novo paraíso) vemos isso, por exemplo, quando ele fala dos problemas da Europa: falta de espaço, guerra, ódio, destruição... Diante disso ele nos fala inúmeras vezes da imensidão que é o território brasileiro,

Já quase não deveria ser qualificado como um país, mas sim antes de um continente, um mundo com espaço para trezentos, quatrocentos, quinhentos milhões de habitantes e uma riqueza imensa sob este solo opulento e intacto, da qual apenas a milésima parte foi aproveitada.³¹

E isso nos remete a um dos principais problemas da Europa que foi a falta de espaço principalmente para os alemães e que serviu de lema para a campanha nazista.

Muitos estudiosos da obra de Stefan Zweig afirmam que ao falar da imensidão do nosso território este tinha a intenção que o Brasil recebesse os refugiados judeus. Stefan Zweig é um crítico severo da incessante busca europeia por uma raça pura, por isso fez questão de ressaltar em várias páginas do livro o “paraíso racial” que encontrou no Brasil, desta forma ele nega a existência de preconceito racial no Brasil, negando algo visível na sociedade até os dias de hoje, chegando a afirmar que “em nenhum outro

²⁸ Ibidem, p.12

²⁹ Livro escrito por Stefan Zweig e publicado em 1936 que para muitos foi uma voz de alento contra o nazismo em um momento decisivo.

³⁰ ZWEIG, Stefan, 1943, p.265.

³¹ Idem, 1953, p. 9.

país os escravos foram tratados relativamente com mais humanidade”³² E mais uma vez vemos aí a influencia de Gilberto Freyre com a obra *Casa Grande e Senzala*. Vemos nesta afirmação um verdadeiro absurdo quando olhamos para trás e percebemos o quanto a nossa escravidão foi sangrenta e cruel, vemos isso, por exemplo, na obra *Escravidão no Brasil* de Jayme Pinsky (1981).

Mas na verdade Stefan Zweig não via o novo no Brasil, mas queria ver o mundo que conheceu antes das guerras na Europa, o novo que Zweig anuncia é sustentado por valores muito próximos aos que denuncia, percebemos isso em várias partes do livro, a leitura que ele faz da história do Brasil é totalmente eurocêntrica, desconsiderando a cultura indígena e resguardando ao europeu o papel de verdadeiro civilizador, como veremos mais adiante.

Quando nos fala sobre religião no Brasil, Zweig acentua a importância dos missionários jesuítas europeus que “humanizaram” os indígenas retirando-lhes do paganismo e levando-os ao batismo. Sua posição católica e intolerante é mais notável quando relata a expulsão dos holandeses, protestantes, que invadiram o Nordeste, onde afirma Stefan Zweig “De novo são elementos eclesiásticos que assumem a chefia da luta, porque reconheceram a importância vital de manter a terra brasileira livre de toda infiltração por elementos protestantes”.³³

Quanto à raça vemos que as considerações de Zweig estão recheadas de sutis preconceitos e predileções. Contradizendo sua idéia inicial de mestiçagem consciente ocorrida no Brasil, ressaltando a devassidão dos portugueses que primeiro ocuparam a terra unindo-se a índias e escravas negras e gerando assim mulatos e mestiços, Zweig de certa maneira desconsidera essas “raças” perguntando-se: “Como constituirão família, base única da sociedade, se aqui não há mulheres brancas?”.³⁴

Ainda que louvando a mistura de raças no Brasil, o vienense não consegue sublimar sua visão de uma Europa superior diante do negro e do índio. Sempre que fala da presença negra e indígena deixa transparecer uma inferioridade destas em relação ao branco europeu. Quando comenta sobre a chegada cada vez mais massiva de escravos negros, deixa claro essa postura:

³² Idem, 1953, p. 16.

³³ ZWEIG, Stefan, 1953, p. 44

³⁴ Ibidem, p. 33.

De mês para mês trazem-se carregamentos cada vez maiores de escravos africanos [...]. Durante algum tempo essa multidão de negros e o surpreendente número de mamelucos gerados pelos portugueses, esses mestiços de todos os matizes, ameaçaram fazer desaparecer a influência civilizadora européia.³⁵

No que diz respeito às classes sociais vemos que a classe baixa está visivelmente associada ao brasileiro, descendente de índios e escravos. Enquanto que a classe alta, a “aristocracia” é formada por descendentes de portugueses e colonizadores. Ao procurarmos na obra o motivo da divisão de classes e a relação com a questão racial, vemos que será encontrada nas diferentes posturas em relação ao trabalho. Zweig chega a afirmar que “Os indivíduos aqui não querem muita coisa”.³⁶, “após o recebimento do salário, o trabalhador falta dois, três dias ao serviço [...] O dinheiro é algo que se sonha; tem que vir do céu”.³⁷ Então para ele a aristocracia é uma classe alta graças ao trabalho “duro”, “suado”. Já a classe baixa também denominada de “grande massa amorfa”³⁸ está nesta situação por preguiça de trabalhar, para ele essa classe ainda não estava vencida pelo pensamento capitalista de render o máximo no trabalho para ganhar mais. Ele não leva em conta que isso se deva ao processo de colonização, exploração e escravidão sofrido pelos antepassados da referida classe.

Ao descrever a história de D. Pedro II deixa transparecer mais uma vez um eurocentrismo, depois de descrever suas inúmeras qualidades afirma “o novo imperador Pedro II, o imperador-menino, pelo sangue um Habsburgo e um Bragança”.³⁹ Zweig afirma que D. Pedro é brasileiro, que nenhum brasileiro pode se arrogar pureza sanguínea, mas ressalta esta condição do imperador. O vienense ressalta ainda mais seu eurocentrismo ao falar dos imigrantes onde afirma:

Essa imigração de quatro a cinco milhões de brancos nos últimos cinquenta anos importa num enorme acréscimo de energia para o Brasil e ao mesmo tempo lhe proporciona uma imensa vantagem no ponto de vista da civilização e da etnologia. A raça brasileira, que, por uma importação de negros durante três séculos, está ameaçada de se tornar cada vez mais africana, clareia visivelmente, e o elemento europeu, em oposição ao elemento, primitivamente crescente, de escravos analfabetos, eleva o nível geral de civilização.⁴⁰

³⁵ Ibidem, p.44.

³⁶ ZWEIG, Stefan, 1953, p.121.

³⁷ Ibidem, p. 123.

³⁸ Ibidem, p. 122.

³⁹ Ibidem, p. 61.

⁴⁰ Ibidem, p. 102 – 103.

Ainda no tocante a imigração, percebemos que o autor defende um Brasil aberto à imigração e já no primeiro capítulo ele nos apresenta os judeus como sendo “Os únicos colonos que voluntariamente para aqui se dirigem sem serem indivíduos libertados de grilhões, indivíduos com estigma, com sentença judicial, são os cristãos novos, os judeus recém-batizados... esses judeus são verdadeiramente os primeiros colonos desta terra”.⁴¹ Inclusive no filme (Back, 1996) Alberto Dines chega a afirmar que Stefan Zweig escreveu o livro por que achava que o Brasil seria o lugar ideal para receber os milhares de judeus refugiados.

Em outros momentos da obra Zweig menospreza a cultura indígena e africana, exaltando mais uma vez a Europa como mãe da cultura:

Embora a nação brasileira nos últimos anos haja realizado muito por novas combinações e por trabalho próprio, os elementos construtivos de sua civilização são em sua totalidade importados da Europa. Tanto a religião e os costumes quanto o modo de viver desses milhões e milhões de habitantes do Brasil pouco devem ou verdadeiramente nada devem ao seu solo. Todos os valores da civilização foram trazidos do estrangeiro por navios de toda espécie, [...], e mesmo o mais patriótico e mais ambicioso empenho não pôde até agora achar ou inventar uma contribuição importante dos aborígenes para a civilização brasileira.⁴²

O autor praticamente ignora as contribuições africanas no desenvolvimento de uma cultura nacional, elas apenas são relevadas em função da música e das religiões. O homem negro está sempre ligado à escravidão ou às favelas, também denominadas por ele, como, “zonas de pretos”. O trabalho escravo, na história do desenvolvimento econômico do país, é considerado uma necessidade, como lemos neste trecho: “Para o fazendeiro, a aquisição de negros é tão indispensável como a de enxadas e de pás”.⁴³

Os indígenas são considerados “um papel em branco”, que contribuíram apenas minimamente para a formação da cultura nacional. O foco, assim como na economia, continua a ser a sociedade européia. E mais adiante lemos: “O Brasil, apesar de todas as nossas loucuras, ainda tem que receber impulso do Velho Mundo”.⁴⁴ Mesmo no século XX o país continua, para o autor, necessitando da influência européia para o desenvolvimento social e cultural.

⁴¹ ZWEIG, Stefan, 1953, p.24.

⁴² Ibidem, p. 115.

⁴³ Ibidem, p.78.

⁴⁴ Ibidem, p. 138.

Stefan Zweig elogiou o massacre promovido pelos bandeirantes em nome de uma expansão territorial afirmando que “também eles tiveram boa parte na criação do Brasil”. Mas não aceitava o presente de sua Europa, também em nome do desenvolvimento.

Ao falar sobre fato de no início os navios portugueses transportarem para o Brasil os prisioneiros e pessoas não desejadas na sociedade o autor afirma: “Como acontece sempre, é o adubo forte e não muito limpo que melhor torna o solo bom para uma futura colheita”.⁴⁵ A comparação é desastrosa. Também ao analisar o papel da mulher na sociedade brasileira: “Mulher, casa e família aqui ainda se acham intimamente unidas; a não ser em festivais de beneficência, as mulheres nunca ocupam lugares de destaque”.⁴⁶ A constatação do atraso no que diz respeito à emancipação feminina o autor acaba por inverter, destacando essa estrutura familiar tradicional como o “verdadeiro reservatório de energia da nação”.⁴⁷

Outro ponto importante da obra de Stefan Zweig a ser destacado é a maneira fantasiosa como o vienense descreveu as favelas brasileiras

As favelas apresentam um colorido especial no meio dessa figura caleidoscópica, e ao menos uma dessas estrelinhas do mosaico deveria ser conservada no quadro da cidade, porque elas representam um fragmento da natureza humana primitiva no meio da civilização.⁴⁸

Além de descrever as favelas de maneira romantizada, num país onde é mais fácil ser pobre, Zweig ainda afirma que as mesmas “já se acham ameaçadas de desaparecer. Sobretudo as favelas, as zonas pobres da cidade”.⁴⁹ Hoje sabemos que as favelas não só não desapareceram como cresceram em tamanho e problemas.

Quando fala sobre a questão da segurança pública no Rio de Janeiro Zweig nos remete ao um tempo irrecuperável, o espaço público não era cercado de riscos e incertezas;

O passear a pé, que em outras grandes cidades quase não dá prazer, aqui ainda é uma fonte de satisfação e de alegria [...] se queremos ir à cidade, temos que passar por cima dum morro; a todo o momento

⁴⁵ ZWEIG, 1953, p. 24.

⁴⁶ Ibidem, p. 128.

⁴⁷ Ibidem, p. 128.

⁴⁸ Ibidem, p. 154.

⁴⁹ Ibidem, p. 153.

pedimos ao amigo, que está dirigindo o automóvel, que pare a fim de não perdemos outra vista maravilhosa.⁵⁰

Realidade esta bem diferente da atual situação de segurança do Rio de Janeiro, principalmente quando se fala das favelas onde as drogas e a violência tomam conta da cidade. Com certeza naquela época tudo era mais tranquilo.

Ao falar do homem brasileiro Zweig o descreve como sendo um “homem cordial” destacando que “esse desejo de conciliação, essa atitude humanitária, não tem sido o sentimento casual dos diferentes chefes e dirigentes do país; é o produto natural dum predicado do povo, da tolerância natural do brasileiro, a qual no curso de sua história sempre se confirmou”.⁵¹ No entanto é importante relembrarmos alguns momentos, principalmente em se falando da dimensão pública onde não houve conciliação ou cordialidade no Brasil como, por exemplo, a sangrenta guerra do Paraguai, a destruição de Canudos, a degola de prisioneiros nas revoluções do Sul, as violências praticadas no curso dos regimes autoritários... De maneira geral os episódios mais violentos como a expulsão dos holandeses, a Inconfidência Mineira, ou mesmo a guerra contra a Argentina ou a guerra do Paraguai são relatados rapidamente e sempre são identificados como passos necessários para o desenvolvimento de uma identidade própria e de libertação da situação colonial.

Realizar revoltas políticas sem derramamento de sangue torna-se, segundo o autor, uma tradição brasileira. Já ao descrever os heróis humanistas e em especial na história da fundação das aldeias jesuítas e seu papel no desenvolvimento do país a narrativa se prolonga.

Outro ponto importante a observarmos na obra é a maneira como Zweig descreve a ditadura de Vargas por conveniência, convicção, ingenuidade, comparação com os horrores da Europa, ou tudo isso ao mesmo tempo, relativizou a dureza do regime afirmando:

Quem quer que governe o povo brasileiro inconscientemente é forçado a adaptar-se a seu espírito de conciliação [...] E hoje, que o governo é considerado uma ditadura, há aqui mais liberdade e mais satisfação individual, do que na maior parte dos nossos países europeus”.⁵²

⁵⁰ ZWEIG, Stefan, 1953, p.144.

⁵¹ Ibidem, p.16.

⁵² ZWEIG, Stefan, 1953, p. 16.

Outro ponto importante a ser destacado é a exclusão do sertão na obra, poderia se concluir que isso se devesse á falta de conhecimento do autor da problemática do subdesenvolvimento naquela região. Há, porém, referências à pobreza da região Norte: “Que tais condições de vida dessa classe inferior, sobretudo a do norte, não correspondem mais á nossa época e com essa pobreza, francamente endêmica em regiões inteiras, a população é debilitada por subalimentação”.⁵³ No trecho destacado o autor apenas enfatiza a pobreza no norte e interior (Zweig não faz distinção entre Norte e Nordeste), para logo em seguida mostrar como o governo de Getúlio Vargas vem tomando medidas para combater o problema. Além disso, há duas referências à obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, e uma referência a Catulo da Paixão Cearense⁵⁴. Deve - se pressupor, portanto, que Stefan Zweig tinha conhecimento da problemática da pobreza e da seca no Nordeste, porém optou por excluí-las de sua obra, concentrando-se nas regiões mais desenvolvidas e principalmente onde a natureza se mostra mais generosa.

No entanto nem tudo são flores, Zweig também nos relatou uma realidade negativa, talvez a única presente na obra, á difícil situação dos seringueiros na Amazônia:

O trabalho de seringueiro é terrível: morando em miserável rancho na floresta, isolado de toda humanidade civilizada, tem êle que primeiro abrir com facão e foice o caminho para chegar às seringueiras e depois marca-las, tem que várias vezes por dia ir e voltar, sob o calor escaldante... Se o desgraçado tenta fugir do seu cativo, eufemicamente denominado contrato de trabalho, é caçado, exatamente como outrora o escravo, por guardas armados e daí em diante tem que trabalhar acorrentado.⁵⁵

A seguir apresentaremos a opinião de alguns estudiosos da vida e da obra de Stefan Zweig quanto à obra *Brasil, país do futuro* no que diz respeito à visão utópica de Zweig na referida obra, e também sobre as afirmações de que a mesma teria sido feita sob encomenda do governo Vargas.

Para Dines (1981) Brasil, um país do futuro, com seus erros, super e subestimações, desvios e superficialidades, é um plano-diretor para uma civilização brasileira. Proposta de utopia, levando em conta as deficiências que seu olho crítico

⁵³ Ibidem, p. 126.

⁵⁴ Escritor do Maranhão (1863 – 1946), seu pai José Paixão Cearense era natural do Ceará e sua mãe Maria Celestina Braga era natural do Maranhão.

⁵⁵ ZWEIG, Stefan, p. 99.

percebeu e sua alma generosa simplifica. É a tal visão mágica a que se referiu (Zweig) em conferência da Academia, em 1936. Ao falar sobre as condições em que a obra foi escrita, Dines recupera o depoimento de D'Almeida Vítor, o repórter incumbido de acompanhar o casal Zweig na viagem ao Nordeste. O repórter afirma em depoimento prestado a Dines que o governo “tentou um negócio”, uma biografia de Santos Dumont, com o autor Stefan Zweig, este, porém, teria recusado e recebido então apenas as passagens aéreas para a viagem ao Nordeste, hospedagem, contatos e o acompanhante do governo brasileiro.

Já Ingrid Schwamborn, (2000) apoiada em cartas escritas por Zweig a Friderike, sua ex- esposa cita apenas as passagens aéreas e o acompanhante designado pelo governo. Diante disso ela conclui que o preço e a origem do visto permanente são um segredo histórico e, completa afirmando que, apesar de todas as discussões, há uma certeza: a de que o autor escreveu *Brasil, país do futuro* por vontade e desejo próprios.

Já na visão de Sandra Jatahy Pesavento (2000) o horizonte de referências do autor é bastante diferente do horizonte de referências do leitor brasileiro. Ao construir o Brasil pitoresco, a natureza exuberante, a civilização pacífica e humanista, Zweig acrescentou à imagem do Brasil sua bagagem cultural, conferindo ao país um algo a mais que faz rever seus próprios conceitos e valores. Zweig não “enxergou mal” ou anunciou o Brasil do futuro que nunca existiu: suas referências foram outras e essas referências norteiam a alteridade anunciada no texto. Por isso é necessário recuperar as representações construídas no passado sobre o Brasil e inseri-las num debate bastante atual de identidade nacional e procurar ver no que se chamou de visão do outro, uma face de nós mesmos.

Maristela Adelaide Stoos em sua tese de doutorado intitulada *O espaço brasileiro e as (im) possibilidades utópicas nas obras de Stefan Zweig e Hugo Loetscher*(2009) afirma que:

Em linhas gerais, o autor pintou uma imagem pitoresca da realidade brasileira que, devido aos ideais do cidadão branco europeu, marcado pelas injustiças da Segunda Guerra Mundial, revela uma visão estereotipada do país. Além disso, a obra deixa a desejar do ponto de vista político, ao menos segundo as expectativas do leitor brasileiro da época, que esperava uma imagem mais realista e crítica diante do regime ditatorial do governo Getúlio Vargas, das desigualdades sociais e do racismo oculto. O potencial crítico da obra pode ser identificado, no entanto, se assumirmos a perspectiva européia no

momento histórico em que foi escrita e uma perspectiva brasileira contemporânea, mais de meio século depois de seu lançamento, quando o leitor atual percebe a distância entre o futuro pintado por Zweig e a sua realização hoje.⁵⁶

Já Adelaide Maristela Herbertz, em sua dissertação de mestrado intitulada *Xequemate no país do futuro: Stefan Zweig e o exílio no Brasil* (2009) defende que Zweig criou sim uma pátria irreal, um país utópico, não verdadeiro, porém verossímil.

O Brasil representado é a verdade do autor que se considerava um humanista pacifista e é, sob essa perspectiva, que o ensaísta enfoca a realidade brasileira. O tema Brasil supera seus limites e passa a representar um universo maior, questiona valores impostos pelo homem a palavras como civilização e cultura, como o próprio autor expõe no prefácio da obra. O Brasil, como representado na obra de Zweig, é o exemplo de um mundo, e para o mundo, onde a cultura e civilização são calculados não sob um ponto de vista industrial e financeiro, mas pelo espírito pacífico e humanitário de seu povo.⁵⁷

Segundo Adelaide Maristela Herbertz as descrições do Brasil apresentadas em *Brasil, país do futuro*, muito criticadas por serem utópicas, falharam no campo político, mas adquirem um significado maior se compreendidas no seu contexto, quando ampliamos nossas perspectivas conhecendo a biografia, a situação histórico-cultural e a obra do autor como um todo. E sobre as acusações de que o livro *Brasil, país do futuro* tinha sido encomendado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP Herbertz o defende afirmando que:

Este pequeno ensaio (Pequena viagem ao Brasil) é o cerne da monografia sobre o Brasil redigida em 1940 - 1941. Já em 1937 o autor escreve para o editor brasileiro Abraão Koogan sobre a intenção de ampliar este ensaio, para que possa ser editado em forma de livro. Assim percebemos que *Brasil: país do futuro* foi uma obra planejada com antecedência e que não surgiu como mera retribuição pelo visto de permanência concedido pelo governo brasileiro em 1940, ou como propaganda encomendada pelo governo Vargas, segundo críticas de alguns jornalistas e publicistas na época de lançamento da obra e sustentadas até hoje por autores como Alberto Dines em certos trechos de sua obra *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig* e em suas declarações no documentário de Sílvio Back "*Stefan Zweig: morte em cena*".⁵⁸

Na opinião de Dulce Whitaker (2000) o livro de Zweig deve ser compreendido dentro das angústias desencadeadas pelo nazismo. Em busca da esperança, seu olhar procurava ignorar nossas mazelas.

⁵⁶ STOOS, Adelaide Maristela, 2009, p.17.

⁵⁷ HERBERTZ, Adelaide Maristela, 2001, p. 108 - 109.

⁵⁸ HERBERTZ, Adelaide Maristela, 2001, p.48.

Ainda sobre as afirmações que o livro foi feito sob encomenda do governo Vargas, o editor brasileiro de Stefan Zweig, Abrahão Koogan, afirma no filme de Back, (1996) que acredita que o livro não foi patrocinado pelo Estado Novo, uma vez que segundo ele Stefan Zweig era muito rico, ganhava muito dinheiro com a venda de seus livros, e não precisava disso. Para ele o livro foi uma generosa retribuição do escritor exilado em troca da hospitalidade oferecida a tão poucos.

Diante de tudo o que foi apresentado aqui, de pessoas que já estudaram sobre Stefan Zweig, concluímos que a obra *Brasil, país do futuro* não foi financiada pelo DIP, por vários motivos: primeiramente por que segundo as nossas pesquisas Zweig era rico; sempre negou ter escrito a obra por tal motivo; escreveu de forma extraordinária sobre várias outras coisas e por que não escrever sobre o Brasil, país este que como vemos nitidamente nas suas cartas lhe encantou; e sua visão pode ser justificada se analisarmos aquele momento vivido pelo autor, ou seja, as duas guerras mundiais, nazismo, e compararmos com o Brasil do final da década de 1930, daí com certeza diante de todos os horrores da Europa, o Brasil torna – se um paraíso. Além do mais pode ter sido uma opção de Zweig escrever apenas sobre as coisas boas do nosso país. Fato é que se a obra foi financiada pelo DIP até hoje ninguém provou.

Mais de 70 anos se passaram desde a publicação de *Brasil, país do futuro*, tempo suficiente para constatar se o tão sonhado futuro chegou. Essa realmente não é a questão central da nossa pesquisa, mas dedicaremos estas últimas linhas da nossa pesquisa a essa questão.

Para Boris e Sergio Fausto (2006) de um lado, o sonho de Zweig, delineado com tintas românticas, até hoje se frustrou. De outro lado, a interrogação permanece válida, na medida em que as virtualidades permanecem, embora sujeitas a muitas e crescentes dúvidas. Para eles o “gigante pela própria natureza” não ficou “deitado eternamente em berço esplêndido”, na simbologia palavrosa do hino nacional. O gigante caminhou, tropeçou e hoje tateia incertezas, buscando novos rumos. Segundo eles o momento que vivemos não dá margem ao otimismo e uma dose de cetismo se impõe, considerando-se o quadro de desigualdades sociais, de violência, de corrupção e o desencanto da população no que se refere à política brasileira. Mas é necessário olhar o país com lentes retroativas de um alcance mais longo, pois, há potencialidades e muitos dados positivos.

De fato de 1941, ano em que foi publicado *Brasil, país do futuro* para os dias de hoje, tivemos diversos avanços na sociedade brasileira, isso realmente é inegável, avançamos na política, na ciência, na educação, na economia. No entanto se pensarmos no futuro sonhado por Zweig, o Brasil apresenta hoje uma realidade muito diferente, apresentando diversos problemas: desemprego; violência e criminalidade; (as drogas tomaram conta do país), poluição; o nosso sistema de saúde pública é um dos piores do mundo, assim como o nosso sistema educacional; estamos entre os países mais desiguais do mundo, onde a diferença de renda dos mais pobres com relação aos mais ricos é gigantesca, e milhares de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza; há falta de habitações; a corrupção tomou conta do país estando presente nos diversos setores da sociedade, e em especial na política com destaque para os atuais escândalos de corrupção na Petrobrás. Com certeza esse não era o Brasil sonhado por Zweig.

O livro realmente tem várias imprecisões históricas, exageros e simplificações, além de uma incômoda cegueira em relação às injustiças que se propagavam pelo Brasil. Seria injusto, contudo, exigir dele muito mais do que pode oferecer, sua emoção, sob a forma literária. É o relato de um grande escritor, de um poeta e não de um historiador ou um sociólogo. É um privilégio para o Brasil ter merecido a atenção de Stefan Zweig. Portanto vista no conjunto, a obra *Brasil, país do futuro* é uma obra primada pela estética, o sonho, a imaginação, é a projeção de uma terra idealizada, uma utopia que nos faz rever conceitos de desenvolvimento e civilização e buscar novos valores, como o próprio autor propôs na introdução à obra.

Breves considerações sobre o uso do ufanismo no Brasil

Pátria amada: a missão dos escritores brasileiros; a construção de uma imagem da nacionalidade; o estabelecimento do patriotismo enquanto valor maior; o resgate de uma tradição original; a fundação de uma literatura nacional.⁵⁹

Antes mesmo de conhecermos “o país do futuro” que Stefan Zweig nos apresentou, já conhecíamos muito de suas “potencialidades”, nos apresentada quatro décadas antes por Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, o qual é considerado por muitos como o maior representante da literatura ufanista no Brasil e, se destaca como criador do termo ufanismo, que até então não existia no vocabulário brasileiro. Por isso o mesmo é considerado como o inaugurador de um sentimento que posteriormente foi chamado de nacionalismo. O termo ufanismo refere – se ao orgulho, sentimento esse que cada brasileiro deveria sentir pelo Brasil.

As idéias de Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior influenciaram na formação da identidade nacional, inspirando muitos artistas, intelectuais e escritores a entrarem num debate e construir também a sua idéia de nação a partir do que foi iniciado com o nacionalismo. No entanto o mesmo também foi alvo da crítica de muitos pensadores. Essa tendência ufanista\nacionalista chegou inclusive a influenciar na formação do hino nacional brasileiro, este também faz uma exaltação do que é belo, mostrando um passado de glórias, nossas grandezas e riquezas naturais, um futuro esplendoroso, e nenhuma expressão de negatividade.

A obra *Porque me ufano do meu país*, escrita por Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, tornou – se leitura obrigatória nas escolassecundárias brasileiras, tendo várias edições e traduções, transformando -se em uma verdadeira cartilha de nacionalidade, pode ser considerado com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica e social, um pequeno manual de educaçãocívica. Sua obra não é um exemplo isolado, insere-se na extensaprodução de manuais de “história pátria” que circularam nas primeiras décadasdo século XX, com a função de fortalecer a identidade nacional.

⁵⁹ ROUANET, Maria Helena, 1991, p. 241.

Segundo Maria Helena Câmara Bastos (2002) José Veríssimo, em *A Educação Nacional* (1890), já denunciava a “pobrezado nosso sentimento nacional devido a não havermos jamais pensado em ter educação nacional”. Como solução para esse problema sugere ageneralização da educação cívica em toda a instrução dada na escola, como condição fundamental à formação da cultura *moral e intelectual*. Para o autor, uma educação “para ser nacional precisa que inspire o sentimento de Pátria e que a dirija a um fim patriótico”. O fortalecimento do *sentimento nacional* exigia, também, a *educação do caráter*, entendida como *educação moral*, preceitos, regras, exemplos, conselhos, comentários morais de fatos da vida escolar e da história; e “educação física que enrijece o corpo e solidifica a saúde”. Para ele, a “educação do caráter” era “indispensável elemento da nossa educação nacional, deveria ter por fim combater em todos nós tudo o que deprime o nosso caráter, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrárias”. Nessa perspectiva, envolvia a “educação da vontade e o desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade”, destacando como responsáveis por essa *missão*: a família, a escola, a sociedade, as religiões, a política, a literatura, a ciência e a arte.

E Ferdinand Denis⁶⁰ já em 1826 na obra *Resumé de l’histoire littéraire* apontou aos escritores brasileiros o espaço dentro do qual eles deveriam concentrar sua atuação e o caminho a ser por eles adotados e percorridos, sua já referida obra foi considerada por muitos autores como um programa para a institucionalização de uma literatura verdadeiramente nacional.

Nessa perspectiva, a intenção de Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior insere-se historicamente em um momento de exaltação da nação brasileira, que marca parte da produção intelectual da Primeira República, em constante busca ou afirmação de uma identidade nacional. *Porque me ufano do meu paísé, com Através do*

⁶⁰Jean – Ferdinand Denis foi um viajante, historiador e escritor francês, nascido em Paris a 13 de agosto de 1798 e falecido em 1º de agosto de 1890. É considerado um especialista em História do Brasil. Empreendeu viagem à América do Sul em 1816, quando teve a oportunidade de conhecer e se apaixonar pelo Brasil, onde permaneceu até 1821. Sobre esta sua experiência escreveu, em parceria com o pintor Hippolyte Taunay *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, publicado em Paris de 1822. Denis foi um escritor infatigável, sobre o Brasil, entre história, costumes e literatura escreveu diversos livros e artigos ao longo de mais de sessenta anos. Uma de suas obras: *Resumé de l’histoire du Brésil suivi de le Resumé de l’histoire de la Guyane* (1825) (Resumo da história do Brasil acompanhando o resumo da história da Guiana) foi traduzido (e adaptado) no Brasil em 1831 por Bellegarde e imediatamente adotado como livro didático oficial no ensino fundamental e médio durante o segundo reinado. Em *Scènes de la Nature sous les Tropiques*, (Cenas da Natureza nos Trópicos) de 1824, buscou apontar para a influência do meio ambiente natural sobre as idéias de um povo. Wilson Martins assim classificou-o como tropicologista e uma das figuras mais importantes do Romantismo brasileiro. Como critério para tal classificação, encontram-se características em suas obras como a celebração do indígena como dono da terra e o vislumbamento com a natureza tropical.

Brasil(1910), de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, *Saudade* (1917), de Thales de Andrade, um exemplar da literatura infanto-juvenil voltada a exaltar a nacionalidade brasileira, para gerações de estudantes de nossas escolas, fazendo a apologia do país do futuro, de progresso, de ordem, sem conflitos, com miscigenação.

É importante ressaltarmos também a atuação dos institutos históricos no Brasil, que tinham o papel de legitimar a História nacional com seus inúmeros livros lançado anualmente a partir de conteúdos oficiais, que não estavam interessados em fazer uma discussão crítica sobre os vários problemas existentes no país. Estas instituições agregavam vários apadrinhados fazendo o Estado de muleta. Estes servidores buscavam em sua maioria o reconhecimento fácil e cômodo, e o grave comprometimento de outros países e culturas.

A literatura ufanista brasileira começa de fato a ser produzida durante a primeira fase do Romantismo, nesta o ufanismo, em decorrência da recente independência do país, fez com que prevalecesse um verdadeiro sentimento de nacionalidade, no qual o culto pela cultura primitiva, e em especial a figura do índio, teve sua palavra de ordem. O maior representante desta fase é sem dúvidas Gonçalves Dias com a “Canção do exílio” vejamos abaixo alguns trechos:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá. [...]

A “Canção do exílio” é um dos poemas mais ufanistas que temos em nossa literatura, através do trecho citado, podemos detectar as características anteriormente mencionadas, tais como a exaltação da natureza e o sentimento ufanista revelado pela valorização dos aspectos nacionais. Inclusive alguns trechos desta estão presentes no Hino Nacional (nossos bosques têm mais vida \ nossas vidas mais amores). Estamos diante da essência do ufanismo romântico: minha pátria é a melhor. Por outro lado, trata – se de uma verdade humana definitiva, qualquer indivíduo no exílio, independente da terra natal ser boa ou não, sempre guardará por ela uma amorosa e obstinada saudade.

Portanto não é de se estranhar que a Canção do exílio se transformasse num grande poema.

Ainda sobre Gonçalves Dias é importante ressaltar que o mesmo consolidou o Romantismo no Brasil com uma produção poética de boa qualidade. Entre os autores do período é o que melhor consegue equilibrar os temas sentimentais, patrióticos e saudosistas com uma linguagem harmoniosa e de relativa simplicidade, fugindo tanto da ênfase declamatória como da vulgaridade. Pode-se dizer que o seu estilo romântico é temperado por uma certa formação clássica, o que evita os excessos verbais tão comuns aos poetas que lhe foram contemporâneos. Sua obra se articula em torno de três assuntos principais: o índio, a natureza e o amor impossível. Além de Gonçalves Dias, temos outros grandes escritores na literatura ufanista e dentre eles podemos destacar: Casimiro de Abreu, Olavo Bilac, José de Alencar, austríaco Stefan Zweig, entre outros.

Mas em se falando de literatura ufanista não podemos esquecer não de uma obra, mas sim de um grande personagem ufanista que se destacou na literatura brasileira: Policarpo Quaresma⁶¹, um major que leva uma vida confortável e aparenta não possuir grandes ambições materiais, suas preocupações estão concentradas no amor idealizado pela pátria brasileira. Isolado pelo sonho de reforma nacional, alimenta uma ideia fixa em relação ao progresso e à liberdade do país.

Ao longo do romance, o perfil inicial de Quaresma é confirmado: trata-se de um homem ingênuo e sonhador, movido pelo ufanismo otimista e pela convicção no desenvolvimento da nação brasileira. Seu idealismo o coloca em conflito com a realidade, de modo que seus projetos são encarados como loucuras de um desajustado. Percebemos um ufanismo exacerbado ainda na primeira parte do livro, onde todos os livros da biblioteca do major tratam do Brasil, todas as plantas de seu jardim são espécimes nacionais e o cardápio das refeições em sua casa valoriza os ingredientes da culinária brasileira. No trabalho, o major perturba os colegas com informações relativas à cultura nacional. Policarpo Quaresma tinha três grandes idéias para mudar o Brasil: a adoção da língua tupi como oficial do Brasil; reforma da agricultura; reforma político – administrativa. Mas como era de se esperar seus projetos nunca deram certo e Policarpo Quaresma termina na prisão esperando seu triste fim.

⁶¹ A obra Triste fim de Policarpo Quaresma, inicialmente publicada em folhetins em 1911, foi escrita por Lima Barreto, e publicada em 1915, em forma de livro, com o objetivo de problematizar a visão ufanista do Brasil vigente e chamar a atenção, de modo crítico, para os problemas que caracterizavam a realidade nacional.

Mas se a literatura ufanista começou com o a primeira geração do Romantismo, por volta de 1836, se tivemos Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior como o criador do termo ufanismo em 1900, entretanto, o livro de Sebastião da Rocha Pita de 1730, intitulado “História da América Portuguesa” é considerada a primeira manifestação de ufanismo nacional. Segundo Dante Moreira Leite as obras anteriores de Rocha Pita é um elogio aos aspectos positivos do Brasil, embora de forma exagerada e inteiramente descabida.⁶² O ufanismo perdurara durante várias décadas dentro da sociedade brasileira sendo usado de diferentes modos e com diferentes fins.

Essa literatura ufanista foi combatida pelos modernistas que produziram obras que mostravam uma visão crítica da realidade brasileira, são escritores da primeira fase do modernismo, Euclides da Cunha com *Os sertões* onde denuncia a situação miserável do sertanejo nordestino, abandonado pelo governo, que, em vez de compreender e resolver o problema das desigualdades sociais, nada mais faz do que intervir com violência e crueldade. Monteiro Lobato se preocupou em mostrar o estado de abatimento físico e miséria cultural do homem do campo. Graça Aranha, no romance *Canaã* enfoca os problemas da imigração. E Lima Barreto com sua já mencionada obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* e outras, trata da vida obscura do proletariado urbano, da discriminação racial e da corrupção política.

Tivemos ainda na segunda fase do modernismo, Rachel de Queiroz com o romance *O Quinze* onde abordou o drama dos retirantes nordestinos. Graciliano Ramos com diversas obras, entre elas podemos citar *Vidas secas*, onde mostra a difícil trajetória de uma família de retirantes para a região Sudeste. José Lins do Rêgo em seus romances abordou a difícil vida nos engenhos, suas obras são divididas em dois ciclos: “ciclo da cana – de – açúcar” e o “ciclo do cangaço, misticismo e seca”.

No entanto apesar dos modernistas combaterem essa literatura ufanista, foi ainda nesta fase do Modernismo que foi lançado a obra *Brasil, país do futuro* de Stefan Zweig, em 1941, neste livro em nenhum momento o autor, um europeu, faz uma reflexão sobre a sociedade brasileira, não apresentando um senso crítico, aguçando seu ufanismo em temas pertinentes, passando para o leitor desavisado, que o Brasil é um paraíso racial, onde não há preconceitos, dando ênfase a importância dos missionários jesuítas, mostrando o trabalho dos bandeirantes e ressaltando sempre a imensidão do

⁶² LEITE, Dante Moreira. 2002

território brasileiro e a natureza esplendorosa, enfim mostrando uma visão totalmente eurocêntrica do Brasil, onde não vemos uma reflexão acerca dos anos de exploração portuguesa, e dos problemas recorrentes da administração lusitana e principalmente não vemos nenhuma crítica a ditadura de Vargas, a qual era bem visível naquele momento.

Apesar da diferença espacial e temporal as obras *Por que me ufano do meu país* (1901) de Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior e *Brasil, país do futuro* (1941) de Stefan Zweig, são bem parecidas, ambas nos apresentam vários motivos para nos orgulhar do Brasil, sejam pela “extensão territorial”, pela “cordialidade do nosso povo”, pela “ausência de conflitos”, “natureza esplendorosa”, “mistura de raças”, “colonização pacífica”, realmente ambos nos deram nem que seja por alguns momentos, orgulho em sermos brasileiros, através da literatura ufanista, tentaram nos mostrar o que o nosso país tem de melhor.

Stefan Zweig com este livro mascara a realidade, pois naquele momento, o Brasil vivia uma situação difícil, a ditadura de inspiração fascista de Getúlio Vargas. O autor vienense idealizou um país, que na prática não existia e não existe. Afinal o novo mundo se apresentava tão dispare da narrativa de Stefan Zweig, colocando para debaixo do tapete todos os problemas, que eram bem visíveis a qualquer cidadão, a exemplo da própria ditadura. Portanto não devemos pender apenas para um lado fantasioso e ficcional como o fez o autor, o meio termo seria o mais sensato, não devemos ser nem oito nem oitenta, afinal faltou equilíbrio na sua narrativa, pois sabemos que o Brasil apresenta pontos positivos e negativos e não só positivos como nos ressaltou Zweig.

Entretanto, essa prática não foi exclusividade do nosso autor vienense, fazendo parte de relatos de estrangeiros, navegadores, viajantes, que de certa forma exaltavam e buscavam a cidade do ouro, o famoso Eldorado tão desenhado em quadros e que fizeram parte dos imaginários desde os grandes conquistadores a exemplo da própria Carta de Pero Vaz de Caminha (a qual foi a pioneira em exaltar as virtudes da nova terra e dos índios, pintando a colônia como um verdadeiro paraíso) passando por homens comuns e chegando a fazer parte na mente de navegadores como o genovês Cristóvão Colombo.

Esse ufanismo perpassou décadas e fases chegando inclusive até a ditadura militar principalmente durante o governo de Emilio Garrastazu Médici no auge do regime militar. Segundo Samuel Camilo Kim (2011) o ufanismo foi utilizado como

instrumento de dominação em que era lançada uma ideologia sobre o povo, que foi facilmente induzido a comprar a ideia do governo do pleno desenvolvimento econômico, mas que na realidade só beneficiava uma nesga parcela da população.

Mas é importante ressaltar que esse ufanismo propagado no governo de Garrastazu Médici não tem nada haver com o ufanismo que Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior desejava para o Brasil, pois era um sentimento sem interesses escusos e que não seria utilizado para legitimar um Estado repressor. Diferente também do ufanismo de Stefan Zweig, uma vez que sua visão ufanista se deve muito a comparação que o mesmo faz do Brasil, com a Europa, devido aos horrores da mesma, Zweig não só enxerga um Brasil diferente bem como deseja um futuro brilhante para o mesmo.

O ufanismo serviu tanto para os governos populistas quanto para os governos militares esconderem os erros administrativos e a corrupção. O ufanismo de Médici hipnotizava as massas populares para aceitar as repressões e torturas que estavam sendo imposto dia – a – dia. Para isso se utilizava de vários meios como jornais, rádio, televisão, fazendo com o ufanismo se espalhasse pelos quatro cantos do país. Por isso para a escritora Sonia Camargo “o ufanismo se apresenta, assim, como uma variante do nacionalismo conservador, que emerge no início do século. Ao mesmo tempo, se liga á corrente científica não pela análise da raça, mas pelo seu outro componente: o meio”.⁶³A seguir deixaremos um pouco de lado as obras de Stefan Zweig e Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, para falarmos não mais do ufanismo presente na literatura, mas um pouco do ufanismo manifestado através da música durante o regime militar no Brasil.

Os slogans publicitários, “Brasil ame – o ou deixei – o” e “Ninguém mais segura este país”, foram criados e utilizados pelo governo militar, para instituir um nacionalismo e um ufanismo exacerbado. Nesse sentido o milagre econômico brasileiro dos anos 1970, é também retratado nas propagandas de empresas estrangeiras e brasileiras, utilizando o ufanismo para vender seus produtos. Como também a Copa de 1970, do esquadrão brasileiro de ouro: Gerson, Rivelino, Jairzinho, Pelé e companhia, que nos deu o tricampeonato mundial no México, o Zé carioca de Wall Disney e principalmente a cantora Carmem Miranda com Dorival Caymmi fizeram um Brasil, que perdurou na mente dos brasileiros até hoje. Para Luiz Alberto Mendes

⁶³ CAMARGO, Sonia. 2006, p. 58.

É uma pena que os militares quiseram capitalizar aquela vitória, como se fosse do regime que eles impunham ao país. Nossos jogadores foram recebidos como heróis. E eram. Concomitantemente ocorria “o milagre econômico” e a chegada dos “anos de chumbo”. Era detestável o ufanismo com que os militares pretendiam enganar o povo. As praias do Brasil nunca foram mais douradas que as de outro lugar⁶⁴

Gustavo Alonso em sua dissertação de mestrado sob o título de “Simonal: quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga” fala das diversas músicas ufanistas produzidas durante o regime militar com ênfase para as duplas sertanejas, e segundo o mesmo em 1964, por exemplo, a dupla Moreno & Moreninho apoiaram o golpe daquele ano e pediram para a população ajudar financeiramente o governo participando da campanha de doação de metais preciosos para os cofres públicos. Compuseram então a canção “Doe ouro para o bem do Brasil”. Jacó & Jacozinho em 1973 cantaram: “Cada dia que passa o Brasil vai crescendo/ No estrangeiro agora é Brasil/ ... / Meu amigo caboclo não perca a esperança/ sua vida tão cedo irá se modificar/ O progresso virá trazendo a bonança/ em seu rancho distante vai/ o conforto chegar”. Em 1971 Liu e Leo cantaram em “Transamazônica”: “Meu Brasil por ti me interessa/ Mediante o progresso meu país é forte...” em 1974 Chitãozinho & Xororó, ainda muito jovens e a procura de espaço no meio musical gravaram “pequeno estudante” “Sou filho de uma pátria abençoada/ Onde a paz e a alegria fez morada/ Paraíso de um encanto juvenil/ Tenho orgulho em dizer: Brasil!”. Em 1973 o gaúcho Teixeira lançou a explícita “Presidente Médici”: “Quem é aquele gaúcho/ Que subiu pra presidência/ Dotado de inteligência/ Prá governar o país/ É bom chefe de família/ De respeito e de bondade/ Nos deu a tranquilidade/ Fez nossa pátria feliz/ Ele nasceu no Sul/ É o presidente Médici/ Emilio Garrastazu!”.

Mas segundo Alonso o entusiasmo com o regime ia dos modernos aos tradicionais os então veteranos Tonico & Tinoco também cantaram afinados ao regime desde 1964, quando gravaram “Esperança do Brasil”: “Lá no alto uma bandeira/ Representando a beleza/ Desta terra brasileira”. A dupla Dom & Ravel (que não era sertaneja) fez a música mais famosa do regime “Eu te amo meu Brasil”, música essa que fez muito sucesso na voz de “Os Incríveis”.

⁶⁴ MENDES, Luís Alberto, 2010, p.68.

O Céu do meu Brasil tem mais estrelas \ O sol do meu país, mais esplendor \ A mão de Deus abençoou \ Em terras brasileiras vou plantar amor \ Eu te amo, meu Brasil, eu te amo \ Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil \ Eu te amo, meu Brasil, eu te amo \ Ninguém segura a juventude do Brasil.

Alonso ressalta ainda que não foi só a música sertaneja que foi cantada durante o regime militar apesar de a mesma ser a mais explícita para ele o ufanismo foi marca de toda a música popular, independente da classe social, do gênero ou da formação histórica de certos estilos musicais, o que se viu durante os anos do governo ditatorial, sobretudo na época do milagre, foi a sintonia dos ditadores com o meio musical. (E nosso trabalho não trata do gênero, mas da música ufanista independente se ser rock, forró ou MPB, o que está em questão são as letras ufanistas das músicas).

Jorge Ben Jor compôs “Brasil, eu fico”, resposta agressiva ao famoso slogan ditatorial “Brasil, ame – o ou deixe - o”. O mesmo já era acusado de ser ufanista desde que compôs “País tropical” em 1969. Igualmente agressivos foram os integrantes de Os Originais do Samba e a canção “Brasileiro”, de 1971: “Eu sou fã \ Dessa terra varonil \ Se quiser ficar fique direito \ Ame ou deixe o meu Brasil”. Escolas de samba como a Beija – flor de Nilópolis, cantaram a ditadura em diversos sambas, como por exemplo, “Educação para o desenvolvimento”, (1973) “Brasil ano 2000” (1974) e “Grande decênio” (1975). É de novo carnaval \ Para o samba este é o maior prêmio \ E o Beija-Flor vem exaltar \ Com galhardia o grande decênio \ Do nosso Brasil que segue avante \ Pelo Céu, mar e terra \ Nas asas do progresso constante \ Onde tanta riqueza se encerra”.

Este último samba festejava as conquistas e comemorava os dez anos do golpe de 1964. A Mangueira cantou também afinada com os ditadores em “Modernos bandeirantes”, de 1975: “O progresso foi se alastrando/ Neste país gigante/ No céu azul de anil/ Orgulho no Brasil”. Várias canções foram feitas em homenagem ao MOBRAL, o plano de alfabetização nacional formulado na ditadura. Outras ufanavam - se das “obras faraônicas” do regime, como a Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói. Enfim foram muitas as músicas produzidas durante o regime ditatorial principalmente em 1970 com o tricampeonato do Brasil na copa do mundo de futebol.

Mas segundo Kim (2011) o ufanismo foi acabando aos poucos e perdendo credibilidade

Com o tempo esse termo foi se esvaziando e perdendo credibilidade chegando a não ter embasamento, pois logo após a queda das ditaduras pelo mundo afora e no Brasil que, seus defensores havia decaídos, ficando o termo ufanismo órfão. Não obstante ficou sendo utilizado de forma sórdida por determinados políticos hipócritas, aproveitadores e demagogos de plantão durante o transcorrer de toda a História do Brasil chegando até os dias atuais em horários eleitorais e programas, que só ficam na teoria não enfrentando os problemas sociais, econômicos e políticos de fato.⁶⁵

Vimos, portanto que o ufanismo foi usado em diversos momentos na história do Brasil, desde 1730 com a obra de Sebastião da Rocha Pita intitulada *História da América Portuguesa* (ou até antes mesmo), mas a Literatura ufanista começa de fato a ser escrita por volta de 1836 com o movimento intitulado de Romantismo, o qual buscava uma literatura propriamente nacional, valorizando a cultura brasileira, pois nesse momento o Brasil vivia os primeiros anos de “independência” e precisava escrever sua história. Mas foi em 1901 que o Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior criou o termo ufanismo para designar esse sentimento que posteriormente foi chamado de nacionalismo. A obra do mesmo, *Por que me ufano do meu país*, foi usada como livro didático, um manual da nacionalidade, mas não só a sua obra como de outros escritores, como já foi citado Olavo Bilac e Thales de Andrade.

Mas ao se falar da formação de uma literatura propriamente brasileira não podemos esquecer as contribuições de um francês, Ferdinand Denis o qual pode ser considerado brasileiro, afinal segundo Maria Helena Rouanet (1991)

É possível ser nacional sem ser natural do país, é possível ser nacional antes mesmo da existência de uma Nação instituída enquanto tal, mas não é possível ser nacional sem ter os olhos americanos devidamente voltados para tudo aquilo que caracteriza, de maneira intrínseca, a brasilidade.⁶⁶

Sem dúvida foi grande a contribuição deste francês para a construção de uma literatura propriamente brasileira, este pode ser considerado ainda um pioneiro em ensinar fazer uma literatura nacional, prova disso são suas obras *Resumé de l'histoire du Brésil suivi de le Resumé de l'histoire de la Guyane* (1825) (Resumo da história do Brasil acompanhando o resumo da história da Guiana) e *Scènes de la Nature sous les Tropiques*, (Cenas da Natureza nos Trópicos) de 1824.

⁶⁵ KIM, Samuel Camilo, 2011, p. 34.

⁶⁶ ROUANET, Maria Helena, 1991, p. 263.

Outro viajante, desta vez um vienense que também contribuiu para a nossa literatura, mais tarde na década de 1940 foi Stefan Zweig com sua obra *Brasil, país do futuro*, esta é considerada por muitos autores como sendo uma atualização da obra de Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior.

Outro momento de grande ufanía no Brasil foi durante o Regime Militar instaurado no Brasil em 1964, ufanismo esse totalmente diferente daquele que Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior desejava para o país, onde o mesmo queria que os brasileiros sentissem orgulho de sua condição e exaltasse o que o país tinha de melhor, ou seja, a flora a fauna, a extensão territorial. No entanto tanto os governos populistas quanto os governos militares usavam o ufanismo de maneira negativa, tentando fechar os olhos da população para problemas que estavam bem visíveis a todos. E por fim acabando com o termo ufanismo, uma vez que este termo acabou perdendo a credibilidade aos poucos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante as primeiras leituras descompromissadas do livro, as impressões não foram satisfatórias, esperávamos a presença de um debate voltado para as margens de um país grande, rico, diversificado, democrático, contudo, que não deixasse esconder seus visíveis problemas. No entanto, tentamos cobrar do autor respostas para nossas perguntas iniciais, perguntas de hoje, que realizamos nos anseios de nossas leituras. Questões exigentes, pelas quais o próprio Stefan Zweig não teria interesse em responder. Como historiador nos dias de hoje, é necessário voltar atrás e perceber, que ao fazer perguntas devemos realizar a observação do lugar, do tempo, e quais as intenções do autor ao escrever sua obra, assim como nos chamou atenção Michel de Certeau (1982) em sua “operação historiográfica”.

Hoje a obra *Brasil, país do futuro* pode ser vista como a realização máxima da influência do exílio e da experiência de estranhamento do autor diante do país desconhecido, uma obra planejada e realizada à distância, cuja temática são um espaço e uma sociedade projetados num futuro próximo, sob a perspectiva do autor naquele momento histórico: um país ideal. Sob a perspectiva do público brasileiro a obra permanece como um ponto de referência, possibilidades de um Brasil nunca realizado.

Ao escrever a referida obra o autor integra experiência e esperança, procura na sociedade brasileira as características que ainda deixam o sujeito acreditar num futuro mais humano. Sua postura é bastante compreensível quando oposta ao mundo europeu da época da Segunda Guerra Mundial (o universo de oposição), sendo a comparação entre os dois mundos a estratégia discursiva sob a qual se constrói a utopia.

Ainda assim Zweig vê no Brasil o país ideal. O mundo ideal, sempre visto de sua perspectiva influenciada pelo contexto europeu da época, e o fato peculiar de encontrar-se no Brasil reúnem, no mesmo espaço, a riqueza natural, um ser humano idealizado – delicado e de boa índole, sem quaisquer traços de brutalidade, num estado ainda primitivo –, liberdade, harmonia e diversidade. A história do Brasil descrita por Zweig confirma o pacifismo, característica essencial do sujeito brasileiro e da nação brasileira, como meio de chegada à utopia. A realidade brasileira vista por Zweig – o ideal da democracia racial – apenas é possível num país tão diverso, cujas raízes estão em três continentes, a partir da renúncia a toda brutalidade, do desejo imanente ao ser brasileiro de solução pacífica de todos os problemas. Vimos detalhadamente como o autor pauta suas descrições nos fatos históricos que marcam o desenvolvimento, desprezando as

guerras. É sobre uma base pacífica que o autor constrói o país do futuro. A Europa permanece em toda a obra como base de comparação, enquanto território, sociedade, ambiente político e econômico. O Brasil apresentado, com seu passado e em especial sua economia e civilização, é projetado ao futuro, ao final de cada um dos respectivos capítulos.

No tocante as afirmações de que o livro foi feito sob encomenda do presidente Getúlio Vargas chegamos a seguinte conclusão: datas e fatos se desencontram, surgem muitas suposições. Há fotos de Zweig junto com as filhas de Vargas e menção a elas em carta escrita á Friderike. No entanto a influência da família Vargas, seja na questão do visto permanente ou da escrita da obra sobre o Brasil, até os dias atuais não pode ser comprovada.

As obras *Brasil, país do futuro* e *Pequena Viagem ao Brasil* de Stefan Zweig fazem parte da literatura ufanista produzida, no Brasil no século XX, principalmente por autores brasileiros. O vienense não era brasileiro, mas adotou o Brasil como pátria – mãe, após o início da Segunda Guerra Mundial e como retribuição a hospitalidade que recebeu no Brasil desde a sua primeira viagem em 1936, escreveu o já referido livro, com o objetivo de mostrar o que o Brasil tinha de melhor, ressaltando sempre a imensidão do nosso território, as nossas belezas naturais, a cordialidade do nosso povo e principalmente a convivência pacífica entre os diferentes povos, e talvez tenha sido este último aspecto o que mais impressionou o viajante vienense, uma vez que ele era um refugiado judeu e sentiu na própria pele essa questão da raça. O vienense optou por não mostrar as mazelas do Brasil: um estado repressor, pobreza e miséria principalmente no Norte e Nordeste, uma economia defasada, uma sociedade insatisfeita. Stefan Zweig preferiu mostrar um Brasil grandioso, cheio de heróis, sua obra pode ser considerada uma verdadeira epopeia. É como afirmou Néelson Jahr Garcia⁶⁷ sobre o livro de Stefan Zweig

O livro é perfeito no que retrata o que o Brasil havia sido e era, mas precário em relação ao que seria. Mania de europeus, principalmente

⁶⁷Néelson Jahr Garcia foi professor, sociólogo e historiador brasileiro. Ele quem organizou a edição digital de *Brasil, país do futuro* em 2001, para o eBookLibris. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html>

os de origem semita: prever errado. Marx previu revoluções na Inglaterra e Alemanha, que ocorreram na Rússia, China, Cuba, contrário do previsto. Stefan Zweig previu evolução tecnológica, fim das favelas, tudo diferente. Zweig colocou os óculos vermelhos de Kant e viu um Brasil róseo, viu beleza na miséria, riqueza no triste, alegria na dor.

O ufanismo presente na obra de Stefan Zweig já havia sido incorporado no Brasil bem antes desta obra ser lançada, este ufanismo estava presente nos vários lugares do nosso país, nas propagandas, nos anúncios midiáticos, nos símbolos nacionais como: bandeira, o hino, a natureza, dimensão territorial, flora, fauna, heróis e grandes eventos. Mas ao longo de muitos anos o ufanismo passou a ser um artifício que ludibriava e confundia parte da população brasileira. As crianças passaram a aprender na escola os motivos pelos quais o Brasil era superior as demais nações, não havia um estudo crítico e tudo correspondia a perfeição.

Ao iniciar essa pesquisa em termos de conhecimento avancei intelectualmente na compreensão em termos do estudo da história e historiografia do Brasil e até da história européia, em um autor que desconhecia e que possibilitou abrir caminhos para uma composição monográfica aos detalhes de vários aspectos da vida de Stefan Zweig, compreender por que sua obra foi tão criticada principalmente na época em que foi lançada, entender as acusações de que a obra foi feita sob encomenda do governo Getúlio Vargas, conhecer a origem do nacionalismo e seus desdobramentos em diferentes períodos culminando no golpe militar de 1964. Enfim, essa pesquisa contribuiu muito para minha vida intelectual e pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO, Sara. Ufanismo, sátira e moralismo: visões barrocas. 2002. Disponível em:
<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CCwQFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.assis.unesp.br%2FHome%2FPosGraduacao%2FLetras%2FRevistaMiscelanea%2Fartigo-1---releituras-do-ufanismo-da-satira-e-do-moralismo-na-literatura-barroca---sara-augusto.pdf&ei=1Db3VMSgBcWeggTY54GQCw&usg=AFQjCNGcUx51CzGHwQC05qPsFvNjdJXOqg&sig2=FixDhjlKixg6g6196dfXfw&bvm=bv.87519884,d.eXY>
- BACK, Sylvio. Zweig: A morte em cena. (filme) [com contribuições de Anton Regenberg e Ingrid Schwamborn], Rio de Janeiro, 1996.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra *por que me ufano do meu país* de Affonso Celso (1900). Curitiba, 2002. Disponível em:
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/19622>
- BILAC, Olavo; BONFIM, Manuel. Através do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BONA, Dominique. Stefan Zweig, uma biografia; tradução de João Domenech e Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. Brasil, Brazil: sonhos e frustrações. Disponível em:
https://www.google.com.br/search?client=firefox-a&hs=GNt&rls=org.mozilla:pt-BR:official&channel=np&scient=psy-ab&q=Brasil%2C+Brazil+sonhos+e+frustrações&oq=Brasil%2C+Brazil+sonhos+e+frustrações&gs_l=serp.12...0.0.2.35263.0.0.0.0.0.0.0.0.0.0.0.msedr...0...1c..61.serp..0.0.0.ZZ0XJpKAluE&pbx=1&bav=on.2,or_r_cp_r_qf.&bvm=bv.84607526,d.eXY&biw=1366&bih=621&ech=1&psi=LVjKVKDgKcOHNsz9gYgB.1422547403144.5&ei=EVrKVOK0CMmgNuLAgwg&emsg=NCSR&noj

CARVALHO, Vinicius Mariano. Brasil, um país do futuro: projeções religiosas e leituras sobre um mote de Stefan Zweig. In.: Revista Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 30 – 42. Dez. 2006. Disponível em:

<http://pure.au.dk/portal/en/publications/brasil-um-pais-do-futuro-projecoes-religiosas-e-leituras-sobre-um-mote-de-stefan-zweig%28e9a5d1a1-10b0-4f74-9a82-c9af8c376601%29.html>

CERTEAU, Michel de. “A Operação Historiográfica”. In.: A Escrita da História. São Paulo: Forense Universidade, 1982.

CYNTRÃO, Helena Sylvia. A ideologia nas canções de exílio: ufanismo e crítica. Dissertação de mestrado da Universidade de Brasília. Brasília, 1988.

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QfjAA&url=http%3A%2F%2Frepositorio.unb.br%2Fbitstream%2F10482%2F3969%2F1%2F1988_SylviaHelenaCynt%25C3%25A3o.pdf&ei=Szn3VNHbHMiwggSwz4PIDA&usg=AFQjCNFFPyzbLMG87sV0EE38e-sWf59ZfA&sig2=o2US6CbUkFACYF3zFKu2kg&bvm=bv.87519884,d.eXY

COUTO, João Gilberto Parenti. Brasil: país do presente – o futuro chegou; o destino manifesto e o sonho de Dom Bosco. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2004.

CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antônio; ZILLY, Berthold. (Organizadores). Brasil, país do passado? São Paulo: Edusp. 2000.

DINES, Alberto; GERSTENBERGER, Dennis {versão alemã}. Stefan Zweig no país do futuro: a biografia de um livro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

DINES, Alberto. A morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

FIGUEIREDO, Affonso Celso Júnior. Por que me ufano do meu país. 2002. Versão eBooksBrasil Disponível em:

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>

HERBERTZ, Adelaide Maristela. Xequemate no país do futuro: Stefan Zweig e o exílio no Brasil. Dissertação de Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2001. Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCQQFjAB&url=http%3A%2F%2Fdspace.c3sl.ufpr.br%2Fdspace%2Fbitstream%2Fhandle%2F1884%2F24559%2FD%2520%2520HERBERTZ%2C%2520ADELAIDE%2520MARISTELA.pdf%3Fsequence%3D1&ei=LVjKVKDgKcOHNSz9gYgB&usg=AFQjCNGcmiW00Di1Zc6xxDHhi3FslIBg&sig2=5qYn5UQpOkDrgwPu_rOrcg&bvm=bv.84607526,d.eXY

HEMILEWSKI, Maria Ada. O nacionalismo em triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto.

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=0CE4QFjAH&url=http%3A%2F%2Fwww.companhiadasletras.com.br%2Fguia_leitura%2F85023.pdf&ei=pDn3VMY5JselgwSZn4DoDA&usg=AFQjCNGh6RGihY9VpWvWg8xTH_FkqlMAw&sig2=O4NszTFbq1eEbDx2p4yPXA&bvm=bv.87519884,d.eXY

KIM, Samuel Camilo. Pátria amada, idolatrada: o ufanismo desmedido no Brasil de Affonso Celso na obra em porque me ufano do meu país. Monografia de História da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande. 2011.

LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 7ª edição. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

MENDES, Luís Alberto. “Ufanismo detestável” Revista Trip. Nº 189, Ano 23. Junho, 2010. Disponível em:

<http://revistatrip.uol.com.br/revista/189/colunas/tesao-pela-bola.html>

PRATER, Donald. Stefan Zweig, biografia; tradução de Regina Grisse de Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RESENDE, Ênio. Chega de ser o país do futuro: novos paradigmas para resolver o Brasil. Ênio Resende. São Paulo: Summus, 2001.

ROUANET, Maria Helena. Eternamente em berço esplêndido: a formação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

STOOS, Maristela Adelaide. O espaço brasileiro e as (im) possibilidades utópicas nas obras de Stefan Zweig e Hugo Loetscher. Tese de Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2009. Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCI0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fspace.c3sl.ufpr.br%2Fspace%2Fbitstream%2Fhandle%2F1884%2F19428%2FADELAIDE-TESE-Definitiva-jun09.pdf%3Fsequence%3D1&ei=pFvKVJvLAcepgwTupYTACg&usg=AFQjCNG0aIa6W_zulfa4q61KK8M10BtIw&sig2=rzIQE9QovhkLEFdp5FITDw&bvm=bv.84607526.d.eXY

STOOS, Maristela Adelaide; HERBERTZ, Adelaide Maristela. Os leitores e as leituras da obra de Stefan Zweig no Brasil. In.: Fênix Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 4. Ano IV. Nº 2. Abril, maio e junho de 2007. Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB00QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.revistafenix.pro.br%2FPDF11%2FDossie.artigo.2_Adelaide.Stooss-Herbertz.pdf&ei=51zKVLPS4ergwTAs4DwBQ&usg=AFQjCNEt4b2dWXI-vT_OkFp58JLBIQTIsw&sig2=3Eem5EWtFOXFKgYrCC6BOW&bvm=bv.84607526.d.eXY

TEIXEIRA, Gismair Martins. Brasil, país do futuro: um olhar diacrônico. In. Revista UFG. Ano XII nº12. Julho de 2012. Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB00QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.proec.ufg.br%2Frevista_ufg%2Fjulho2012%2Farquivos_pdf%2F24.pdf&ei=ZF7KVPG_DMH5yQSA4H4Cg&usg=AFQjCNHSGKFBY4Lo4kWEFmOFT1ior24-w&sig2=pQXEeNVwsMn6kAUIXDRMRg&bvm=bv.84607526.d.eXY

VELLOSO, João Paulo dos Reis. ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. (coordenadores) Brasil, um país do futuro? Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ZWEIG, Stefan. Encontros com homens, livros e países. Rio de Janeiro: Guanabara. 1938.

ZWEIG, Stefan. Brasil, país do Futuro. Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro. Delta. 1953.

ZWEIG, Stefan. Brasil, país do Futuro; GARCIA, Nelson Jahr (org. edição eletrônica) Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html>

ZWEIG, Stefan. Castellio contra Calvino: uma consciência contra a violência. Rio de Janeiro: Guanabara, 1943f.